

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

MARIA CAROLINA RAMOS COELHO DA SILVA

VOZES FEMININAS:
O COMBATE À INVISIBILIDADE NAS CRÔNICAS TAVARIANAS

RIO DE JANEIRO

2022

MARIA CAROLINA RAMOS COELHO DA SILVA

VOZES FEMININAS:
O COMBATE À INVISIBILIDADE NAS CRÔNICAS TAVARIANAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção de título de
Licenciada em Letras na habilitação Português
- Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Vanessa
Ribeiro Teixeira

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

S586v Silva, Maria Carolina Ramos Coelho da
Vozes femininas: o combate à invisibilidade nas
crônicas tavianas / Maria Carolina Ramos Coelho da
Silva. -- Rio de Janeiro, 2022.
50 f.

Orientadora: Vanessa Ribeiro Teixeira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2022.

1. Mulheres. 2. Crônicas. 3. Paula Tavares. I.
Teixeira, Vanessa Ribeiro, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

À **minha maior inspiração**, minha mãe, Giovane Ramos. Você é a pessoa que eu mais amo neste mundo, meu agradecimento pela sua vida e por ser sua filha sempre será infinito.

À Lua, minha fiel cãopanheira de tantas vivências e emoções. Eu te amo a todo instante, sua bravura me encoraja, obrigada por ter nos escolhido como família.

A Elias Mojon, meu amor e apoiador incondicional, ao seu lado perco o medo do fim do mundo.

Aos meus amigos, que estão ao meu lado nos melhores e nos piores momentos, e que acompanharam de perto a minha travessia para finalizar essa etapa acadêmica: Mariana Martins, Nathalia Merotto, Raphaelle Ribeiro, Júlia Santos, Matheus Avelino, Natália Peixoto, Bruna Saad e Isabela Oliveira.

À Viviane Arêas, por todo suporte emocional, escuta afetuosa e ajuda para fechar este ciclo.

A Nazir Can, professor que me ensinou a magia das letras africanas e a primeira pessoa a enxergar potencial em mim durante a minha trajetória acadêmica, gratidão.

Às madrugadas, minhas companheiras há anos, “ao que devo, sim, o mais dos frutos do meu trabalho, a relativa exabundância de sua fertilidade” (BARBOSA, 1921, p. 9).

A Flávio Rocha, por todo apoio e acompanhamento prestados, trazendo luz ao fim do túnel.

À Vanessa Teixeira Ribeiro, por ter me acolhido enquanto orientanda e aceitado conduzir esta pesquisa.

Aos meus avós Cledyr Ramos e Célia Ramos (*in memorian*), não há um dia sequer que eu não sinta vocês comigo.

À Glaucia Ramos (*in memorian*) por tudo, vencendo junto ao fogo, voltaremos a nos ver.

Aos meus protetores espirituais.

Ao meu sensei Bernardo por todas as conversas e orientações que me deram forças para encerrar este momento.

Às minhas alunas e alunos que passaram pela Carol Contextualiza, pois tudo o que há de mais bonito e verdadeiro em mim é resultado do que vocês me ensinaram. Aprendi (e aprendo) com vocês a nunca desistir dos meus sonhos, a ser paciente, persistente, determinada e corajosa.

À Carol Contextualiza, na sua mais profunda essência.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar as crônicas “As Formigas”, “Dentes de Lobo”, “Mães da Nigéria”, presentes no livro *Um rio preso nas mãos* (2019), da autora angolana Ana Paula Tavares, como também investigar a estrutura desses textos, carregados de lirismo e que não se prendem a abordagens do cotidiano, mas tecem conexões com a vivência e revisitam o passado. Nessas narrativas, a força e a resistência das mulheres ganham protagonismo e Paula Tavares denuncia o silêncio fadado às suas vozes, subvertendo a invisibilidade que recai sobre as mulheres e seus papéis no trabalho, na família e na sociedade. A metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica da obra e os estudos complementares que tecem pertinentes contribuições à compreensão textual, como Chaves (2000), Evaristo (2020), (Padilha (2000) e Secco (2008;2019) sobre memória, escrevivência, oralidade, sementeira da palavra e identidades femininas. Além disso, com o suporte teórico de Diop (1982) e Nascimento (2008), foi possível compreender como o matriarcado está presente nas estruturas sociais, como também o referencial teórico de hooks (2019), Davis (2016), Beauvoir (1970), Bento (2002) e Almeida (2018) sobre gênero e raça, e Franco (2021) para discussões sobre o luto. O trabalho investigativo sobre as crônicas tavianas confirma a sua importância literária de incitar a criticidade e a consciência sobre a condição das mulheres, alertando sobre a necessidade de serem ouvidas e as opressões vividas combatidas.

Palavras-chave: Paula Tavares. Crônicas. Mulheres.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze the chronicles “As Formigas”, “Dentes de Lobo”, “Mães da Nigeria”, present in the book *Um rio preso nas mãos* (2019), by the Angolan author Ana Paula Tavares, as well as to investigate the structure of these texts, loaded with lyricism and that are not tied to everyday approaches, but weave connections with the experience and revisit the past. In these narratives, women's strength and resistance gain prominence and Paula Tavares denounces the silence destined for their voices, subverting the invisibility that falls on women and their roles at work, in the family and in society. The applied methodology is the bibliographic research of the work and the complementary studies that make relevant contributions to the textual understanding, such as Chaves (2000), Evaristo (2020), (Padilha (2000) and Secco (2008;2019) on memory, writing, orality, sowing of the word and female identities. In addition, with the theoretical support of Diop (1982) and Nascimento (2008), it was possible to understand how matriarchy is present in social structures, as well as the theoretical framework of hooks (2019), Davis (2016), Beauvoir (1970), Bento (2002) and Almeida (2018) on gender and race, and Franco (2021) for discussions on mourning. The investigative work on Tavian chronicles confirms their literary importance in inciting criticism and awareness of the condition of women, warning about the need to be heard and the oppression experienced fought.

Keywords: Paula Tavares. Chronicles. Women's

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CONHECENDO ANGOLA PELAS LETRAS: A LITERATURA TAVARIANA	11
3	A ESTRUTURA TEXTUAL	13
4	QUANTOS RIOS CABEM NAS MÃOS? AS FACETAS FEMININAS.....	18
4.1	SER MULHER É... SER FORMIGA. ANÁLISE DE CRÔNICA “AS FORMIGAS” ..	18
4.2	MATERNIDADES.....	24
4.2.1	Ser mãe é doar-se incondicionalmente? Análise da crônica “Dentes de Lobo”	25
4.2.2	Ser mãe é padecer no paraíso? Uma análise da crônica “Mães da Nigéria”	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

1 INTRODUÇÃO

Ana Paula Tavares é poeta e cronista, nascida em 1952, e suas impactantes contribuições literárias revisitam a memória e a cultura de seu país de origem, Angola. Suas palavras parecem atravessar o tempo quando dialogam sobre ancestralidade e tradições da região sul angolana, mas trazem uma visão crítica, haja vista que Tavares também é historiadora e tem conhecimento sobre eventos que reforçaram ou modificaram os valores sociais, especialmente aqueles associados à condição das mulheres. Em obras anteriores, vide a antologia poética *Amargos como os frutos* (2011), por exemplo, a autora mostra a necessidade de romper com as amarras da submissão feminina, que ligam-se inclusive a características pré-coloniais no território africano, recria as tradições e abre caminhos para os desejos e a liberdade da mulher.

Essa necessidade de romper barreiras e sinalizar a resistência feminina e os lugares que mulheres podem e/ou deveriam ocupar na sociedade é recorrente em seus textos, todavia, a intenção deste trabalho é realizar um recorte de algumas crônicas presentes em uma de suas obras mais recentes, denominada *Um rio preso nas mãos* (2019). Nela, Tavares apresenta histórias - carregadas de memórias -, narradas por vozes femininas, ou vivências que traçam um paralelo com o cotidiano, liberando uma espécie de “palavra grito¹”, pois esta ecoa diante de adversidades que tentam calar a autonomia e a luta das mulheres.

Nesse sentido, as crônicas “As Formigas”, “Dentes de Lobo” e “Mães da Nigéria”, além de uma breve associação a outros trechos tavianos, serão objetos de análise, uma vez que tais textos apresentam facetas femininas distintas que denunciam a condição de “ser mulher” em uma realidade que ainda não respeita plenamente as vozes e as existências femininas. Na verdade, Paula Tavares subverte as relações de submissão e valoriza composições familiares matriarcais, condições não romantizadas da maternidade e ressalta, ao denunciar circunstâncias de silenciamento, de fome e de luto, a resistência de uma luta coletiva. Além disso, por se tratar do gênero textual crônica, cabe avaliar se a função desse texto é cumprida “corretamente”, por caracterizar temáticas referentes ao dia a dia, ou se, sob outra perspectiva, a escrita tavianiana se aproxima das chamadas “crônicas de vivência”.

Sabendo que a literatura pode ser utilizada como uma ferramenta de denúncia acerca de determinados temas, este trabalho visa investigar de que maneira as crônicas de Paula Tavares

¹ Termo utilizado por Ana Paula Tavares em seu livro de crônicas *O sangue de buganvília* (1998), publicado em Cabo Verde, e pode ser entendido como forma de “tentar quebrar o silêncio, pois o sujeito histórico reconhece a necessidade de preencher tal silêncio. De qualquer modo e com muita urgência” (JOSÉ *apud* PADILHA, 2000, p. 288).

influenciam no rompimento com a invisibilidade atrelada a vozes femininas e à condição das mulheres no âmbito social.

O discurso polissêmico da autora estabelece conexões com a ancestralidade e com vivências atuais de mulheres, especialmente as mães, não se restringindo ao território angolano e fazendo-se como condições universais, principalmente no que diz respeito a situações de violência ou opressão. Nesse sentido, a prosa poética da autora impacta de forma relevante o público-leitor, pois, por meio da expressividade verbal, traz luz ao reconhecimento de vozes femininas que precisam ser ecoadas para combater um sistema ou uma condição que as oprimem.

O interesse nessa pesquisa surgiu mediante a insurgência de questões familiares e a experiência de ter trabalhado a poética de Ana Paula Tavares durante a iniciação científica. A primeira se explica porque venho de uma família matriarcal, em que a presença e a luta de mulheres fortes foram a base de minha criação e meus valores. Como as crônicas selecionadas para este trabalho evidenciam a garra de mães, avós e tias que, mesmo diante de adversidades, reforçam seus elos afetivos e lutam pelo bem-estar de suas filhas, netas ou sobrinhas, o reconhecimento foi genuíno. Outro fator contribuinte foram os anos de estudo no grupo de pesquisa em Literaturas Africanas e as duas apresentações de iniciação científica que tematizavam a poética transgressora de Ana Paula Tavares e que modificou a minha relação com a minha visão de mundo.

Cabe ressaltar que a literatura tavariana tem importância ímpar, pois desnaturaliza valores conservadores em relação ao papel da mulher na sociedade e traz visibilidade a temáticas que carecem de atenção, como os reflexos da colonização e a desumanização de mulheres negras, a influência das composições familiares matriarcais e as formas de lidar com o luto não reconhecido, devido ao desaparecimento de pessoas em circunstâncias trágicas.

Dessa maneira, é possível observar que a palavra-grito de Paula Tavares transgride as barreiras do silêncio de temáticas que devem ser revistas, e não mais ignoradas, assim como a luta das mulheres precisa ser validada, impactando diretamente na consciência dos leitores, haja vista a função catártica da arte de estimular a empatia dos indivíduos.

O objetivo geral desta pesquisa é, então, investigar como as crônicas tavianas subvertem a invisibilidade atribuída a mulheres, num discurso de resistência e de força. De forma mais específica, buscou-se estudar a estrutura das crônicas de Tavares e a presença de um discurso polissêmico que engloba a vivência de várias mulheres; analisar as experiências de gênero associadas a uma óptica racial; identificar as determinadas facetas da maternidade; e refletir sobre as semelhanças ou distinções dessas vivências e dores femininas.

Em relação à metodologia, a escolha para esta monografia foi a leitura comentada do texto em prosa de Tavares, além, é claro, da pesquisa bibliográfica. Serviram de referenciais teóricos os estudos preponderantes de Cheik Anta Diop e Elisa Larkin Nascimento, ao refletirem sobre a construção do patriarcado na Antiguidade, bell hooks, Angela Davis e Cida Bento, ao trazerem um recorte racial sobre as condições de gênero a mulheres negras, e ainda as importantes contribuições da psicóloga Maria Helena Pereira Franco, ao mostrar as manifestações do luto no século XXI e seu efeitos. Com peso crítico acerca da literatura tauriana, as pesquisas de Laura Padilha e Carmen Lucia Tindó Secco nortearam as investigações. Com a intenção de estabelecer pontes reflexivas entre os textos de Tavares e a realidade, as ideias de Marcus Salgado, Conceição Evaristo, Adela Cortina, Sílvia Almeida, dentre outros, reforçaram debates valorosos.

2 CONHECENDO ANGOLA PELAS LETRAS: A LITERATURA TAVARIANA

Ana Paula Tavares nasceu na Huíla, região localizada no sul de Angola. Neta de um africano do grupo étnico Kwanhama e de uma portuguesa, teve uma educação pautada em valores lusitanos, predominantes no contexto colonial, haja vista que Angola conquistou, com muita luta, a Independência apenas em 1975. O fato de ter recebido influências eurocêntricas durante sua formação estudantil não a impossibilitou de buscar, ou tentar resgatar, as origens africanas que o projeto colonizador tentou apagar com o tempo, tampouco as memórias que a envolveram durante a sua juventude:

Paula foi conhecer mais profundamente as tradições de sua terra por intermédio de leituras e de projetos de investigação histórica e arqueológica em que trabalhou tanto na capital angolana, como em várias cidades do interior de Angola. Apesar de haver recebido uma educação portuguesa [...], pôde, durante a infância e a adolescência, observar, a uma certa distância, o universo das etnias locais à sua volta, mundo este que também ficou registrado nos desvãos de sua memória (SECCO, 2003, p. 2).

Sua formação acadêmica com graduação em História pela Universidade de Lisboa (1982), mestrado em Literaturas Africanas na mesma Universidade de Lisboa (1996) e doutorado em História e Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa (2010) certamente contribuíram para que seu mergulho nas origens e na busca da ancestralidade trouxessem luz à cultura de diversos povos angolanos da região Sul. Os estudos da professora Carmen Lucia Tindó Secco (2003) ainda nos mostram que o trabalho de Ana Paula Tavares visa criar um território fértil, por meio da literatura, para, de forma consciente, “romper o silêncio que, em grande parte, envolve as mulheres angolanas, em particular as originárias das etnias do sul de Angola (SECCO, 2003, p.2)”.

Um olhar mais cuidadoso sobre o feminino é justamente a força motriz deste trabalho, mas antes é necessário “preparar o solo” para entender como se constitui a literatura tavariana. Dona de produções poéticas, Paula Tavares escreveu as obras *Ritos de passagem* (1985), *O lago da lua* (1999), *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2001), *Ex-votos* (2003), *Manual para amantes desesperados* (2007) e *Como veias finas na terra* (2010), todas compiladas na antologia publicada no Brasil - *Amargos como os frutos* (2011) -, pela editora Pallas. Nesta reunião poética, a autora denuncia a noção do corpo feminino como objeto de exploração e como os elementos naturais, como os frutos, metaforizam o erotismo, mas ainda retrata simbolicamente o território angolano e suas raízes. A literatura tavariana transgride o papel da mulher, enraizado pelo modelo colonial africano numa condição de submissão e, para além

disso, retrata como se dá a criação do sujeito poético no período pós-Independência, que utiliza a escrita como continuidade da oralidade, além da liberdade estética, criativa e que retoma, pela temática do espaço, a cultura de Angola.

Na prosa, sua única publicação em território brasileiro é o livro de crônicas *Um rio preso nas mãos* (2019), pela editora Kapulana, obra cujo teor reflexivo proponho-me a analisar por meio da seleção de textos nos capítulos a seguir. O olhar para o feminino é fonte inesgotável de escuta; sendo assim, a intenção dessa pesquisa é analisar de que modo Paula Tavares “salta o cercado”² para denunciar a tentativa de silenciamento às mulheres, com destaque àquelas que possuem o dom de gerar a vida: as mães.

² Cercado¹: referência intertextual ao poema “Desossaste-me”, da autora Paula Tavares, em que saltar o cercado é uma metáfora para a transgressão feminina, presente na antologia *Ritos de Passagem* (1985).

3 A ESTRUTURA TEXTUAL

Com o fito de analisar a estrutura textual, observamos que o gênero crônica é o escolhido para dar vida às construções em prosa de *Um rio preso nas mãos* (2019). Em sua definição, entende-se a crônica como um gênero textual de breve extensão e que visa retratar acontecimentos corriqueiros do cotidiano. Segundo Salgado (2021), a crônica se alimenta do tempo (Cronos), gerando uma parêntese de condições, tais como a precariedade – entendida aqui como um proveito instantâneo de uma situação usual que se converte prontamente em texto – e a eternização de práticas e tipos sociais. Como objeto de estudo da História Social, a crônica é, para historiadores, uma das poucas situações em que um texto literário pode vir a se converter em um documento de época.

Curiosamente, ao mesmo tempo em que esse cotidiano parece se inscrever a partir do presente, a memória ocupa importante espaço em sua narrativa e nos carrega para um período passado e carregado de experiências anteriores, como recordações da vida da autora. Justamente por esse motivo, levanta-se a hipótese de que as crônicas presentes em *Um rio preso nas mãos* (2019) não são puramente do cotidiano, mas sim crônicas de vivência. Conforme a definição presente em *Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara*, entende-se a crônica como uma “Narrativa não muito longa sobre acontecimentos do dia a dia” (BECHARA, 2011, p. 468), isto é, geralmente os textos dialogam com o tempo presente em que foram produzidos, além de favorecerem certo ar de “intimidade”, haja vista que “a crônica aproxima (e muito!) o cronista do leitor. Aquele que lê crônicas sempre tem a sensação de que está a conversar com um amigo próximo” (GOMES, 2007, p. 19). Isso pode ser comprovado a partir de um trecho do texto de João Emanuel Carneiro:

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, 2002, p.1)

O texto de Carneiro apresenta duas funções da linguagem: a primeira é a emotiva, haja vista que o emissor está em destaque, com o uso da 1ª pessoa, apresentando suas emoções ao expressar como se sente com a chegada de mais uma segunda-feira: entediado e aborrecido. A ideia de senso comum de que segundas são dias ‘chatos’ porque incitam a retomada de uma rotina, após dois dias de descanso no fim de semana, aproxima leitor e cronista, que podem se

identificar com o mesmo sentimento. A segunda função presente é a metalinguística, porque o código – a língua portuguesa - está em destaque e, ironicamente, ao mesmo tempo que o cronista expressa sua dificuldade de escrever uma crônica, ela é produzida. Observa-se um direcionamento ao leitor logo no início do texto – “Desculpem-me”, e em seguida assume-se um tom prosaico.

A crônica de Machado de Assis, também com teor metalinguístico, explica a origem da crônica e a associa à trivialidade, que é característica desse gênero:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace estrompue*; está começada a crônica. (ASSIS, 2007, p. 28-29)

As temáticas presentes no gênero crônica podem apresentar diversas facetas, “com um toque de humor (mais uma característica de grande parte das crônicas) e com a leveza da arte de cronicar” (GOMES, 2007, p. 23); tendo relação direta com a brevidade e o tempo presente, são chamadas de crônicas do cotidiano. Todavia, as crônicas de Ana Paula Tavares, que serão avaliadas com profundidade nos próximos capítulos, são crônicas de vivência. Entende-se a expressão como uma relação direta entre o resgate da memória individual da autora, mas também a coletiva de um povo, que vem à tona para reforçar a ancestralidade e a preservação de valores culturais. Junto a isso, há uma tentativa de revisitar o passado e de abrir espaços, no tempo presente, a vozes femininas que precisam ser ouvidas, como também dar luz à sabedoria dos antigos.

Sob essa óptica, os saberes da autora contemporânea Conceição Evaristo serão utilizados como aporte referencial, sendo possível estabelecer uma ponte com o conceito de “escrevivência”, que é definido por Evaristo por uma escrita carregada de lembranças que inscreve não a história de um sujeito, com o intuito de particularizá-lo, mas de trazer luz ao coletivo, às vivências de um povo que outrora era impedido de falar:

[...] uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. (EVARISTO, 2020)

Ler as obras de Tavares significa deparar-se com o outro. É possível encontrar fragmentos que apontam para o período de juventude da autora, pois há textos em que ela traz

a público recordações de quando morava com a sua madrinha, por exemplo, todavia, são as recordações do outro que tornam-se protagonistas em suas crônicas. A polifonia, isto é, a presença de várias vozes dentro de um texto, constrói morada ao longo das páginas: deparamo-nos com mulheres que, por vezes, confundem-se com a voz da autora:

A vida não é uma flor daquelas que abrem uma vez por ano e nos viram de perfume o sorriso e o sentido dos caminhos que se abrem em nós para começar todos os dias. Ser mãe é ser o centro do mundo viga de pé corrida pelos ventos. Entre as mães e a fúria é o corpo que se ergue muro gravado das falas mais antigas de todas as que foram mães antes de nós e não se renderam, as que velaram pelo fogo na sua teimosia. (TAVARES, 2019, p.42)

Na breve crônica intitulada “As mães”, temos, desde o início, uma estrutura pouco convencional às narrativas que se aproximam desse gênero textual: não há uma sequência de acontecimentos do cotidiano, o banal não é temático, mas a vivência é. A linguagem assertiva já propõe desde o início uma negativa à proposta idealizada sobre a vida. A expressão “Ser mãe é”, frequente em discursos de senso comum para preceder uma ideia romantizada sobre aquelas que detêm a fertilidade, é rapidamente associada ao campo imagético. Como uma viga consegue se sustentar em meio aos ventos? A construção pictórica induz a criação de metáforas e simbologias. Vida e arte se fundem, porque a vivência materna é experimentada pela autora ao mesmo tempo em que esta abre espaço para as “falas mais antigas de todas as que foram mãe antes de nós e não se renderam” e conseqüentemente propõe uma crítica social, a de que as mães precisam suportar tudo em prol de seus filhos. Esses diálogos tavianos podem ser associados às palavras de Conceição Evaristo, em entrevista ao portal on-line Itaú Social:

A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. Você brinca com as palavras para dar um soco no estômago ou no rosto de quem não gostaria de ver determinadas temáticas ou de ver determinadas realidades transformadas em ficções. (EVARISTO, 2020)

Além disso, a ausência de elementos coesivos entre os períodos e a predominância de orações coordenadas também são características presentes nas composições. Também há textos com maior complexidade na interpretação, em que a construção de referências cede espaço para a subjetividade e instiga o leitor à pesquisa, haja vista que as crônicas não sugerem uma leitura passiva porque a linguagem simboliza o fluxo da memória. A forte carga intertextual (explícita ou implícita) é responsável por construir as pontes necessárias para a compreensão literária, todavia, é necessário que o leitor acesse esse conhecimento para que não fique alheio aos saberes do território africano, tal como acontece em “Por que é que elas não podem brincar?”:

E são de madeira, de sementes de árvores de grande porte, de carolo de milho, de terracota, de galhos de árvore bifurcados, estão à mostra em todos os dias, estão escondidas atrás das portas sagradas dos cofres da vida. Estão em museus e expõem a teoria da fertilidade atribuída a uma “África Ambígua” e para sempre desconhecida, onde se confunde espaço de criação e memória antiga do brinquedo e do seu sentido apagado para sempre de uma teoria do brincar, [...]. (TAVARES, 2019, p. 45)

Nesse trecho, a crônica fala sobre ancestralidade, sobre a criação de bonecas do sudoeste angolano feitas à mão por tias e mães com materiais naturais. De acordo com o Museu Nacional de Etnologia de Portugal (ambiente que conta com mais de oitenta exemplares provenientes de vários grupos culturais), algumas dessas bonecas são amuletos de fertilidade, usadas por mulheres que anseiam a concretização da maternidade, enquanto outras são brinquedos para meninas. Esse leque de possibilidades só pode ser acessado se o leitor utilizar as referências que lhe foram entregues para fazer uma investigação mais refinada: o possível estranhamento de elementos espaciais ou culturais servem para lembrar que o leitor “está diante de uma estrutura que não lhe é familiar, de um mundo que não é o seu” (AMORIM, 2019, p. 41).

Figura 1: Boneca de carolo de milho



Fonte: MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA (2013?)

Figura 2: Boneca kwanyama okana (com semente de grande porte)



Fonte: MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA (2013?)

Nesse sentido, as crônicas “questionam aspectos do presente angolano, ao mesmo tempo que reinventam tradições silenciadas de povos de Angola” (SECCO, 2019, p.8). A linguagem descritiva de elementos naturais do território angolano situa-nos, mais uma vez, a um direcionamento à região da Huíla, local onde nasceu a autora. As simbologias e os elementos pertencentes à cultura angolana nessa região abrem possibilidades para o leitor, especialmente o brasileiro, que talvez desconheça determinadas palavras ou referências, sendo necessário driblar possíveis empecilhos para a plena compreensão textual. A pesquisadora Laura Cavalcante Padilha já alertava para essa questão ao analisar poesias e crônicas tavianas antecedentes a *Um rio preso nas mãos* (2019):

Quando o leitor – principalmente e talvez o não-angolano – abre a mala da poesia de Paula Tavares, ele se espanta com o que aí encontra. [...]. Há um sentido de dádiva e compartilhamento no que escreve, daí a importância de se conhecer bem o que a antecena de seus textos guarda: mitos e ritos ancestrais; a força da sabedoria; a noção da circularidade cíclica do tempo a magia da terra; a dimensão cosmogônica da palavra. (PADILHA, 2000, p. 294)

Existe um diálogo com a memória cultural a partir da retomada de preservação de mitos, saberes antigos e elementos locais, características que repensam favorecem a tradição e a identidade cultural, estabelecendo uma “ponte” entre passado e presente. Para além disso, existe um olhar voltado para o feminino e a condição de “ser mulher”, num contexto em que a liberdade de expressão, ironicamente, ainda aparece cerceada por uma tentativa social que visa impelir a autonomia de mulheres em diversos setores. Não basta que elas tenham voz, é preciso também que sejam ouvidas. A seguir, as crônicas “As formigas”, “Dentes de Lobo” e “Mães da Nigéria” terão papel crucial para analisar de que forma Tavares rompe, ou não, com o cercado.

4 QUANTOS RIOS CABEM NAS MÃOS? AS FACETAS FEMININAS.

*“Os rios que eu encontro
vão seguindo comigo.”*

(João Cabral de Melo Neto)

Durante breve passagem no Brasil para divulgar o lançamento da obra *Um rio preso nas mãos* (2019), Ana Paula Tavares, durante um bate-papo na Biblioteca Mário de Andrade, explana a origem do título de sua produção. Após ser questionada pela entrevistadora sobre o que seria ‘um rio nas mãos’ diante da *secura*³ na qual a sociedade está submetida, ela explica que o título tem relação direta com o território sul angolano devido ao ciclo da seca: “A seca e o sul têm ligação antiga e violenta, e as mulheres contrariam esse ciclo” (TAVARES, 2019). A relação é social, porque o fenômeno climático interfere no estilo de vida daqueles que predominam em ambiente rural, pois dependem da água para sobrevivência geral: alimentação, fertilidade do solo e alimentação do gado, mas também traz um recorte de gênero, pois Paula afirma que, nas condições apresentadas, são as mulheres que partem em busca de água para subsistência. Elas andam segurando, com uma das mãos, o filho, enquanto a outra é utilizada para sustentar um jarro de água sobre a cabeça, além de serem comuns carregarem durante essa busca os bebês amarrados a lenços junto ao corpo. Assim, “cada uma dessas mulheres têm um rio preso nas mãos” (TAVARES, 2019).

É inegável o olhar empático com o feminino. Nesse sentido, a intenção deste trabalho é realizar um recorte temático em que o gênero e a extensão para a maternidade se entrelaçam e se mostram presentes em crônicas selecionadas para análise.

4.1 SER MULHER É... SER FORMIGA. ANÁLISE DE CRÔNICA “AS FORMIGAS”

Na década de 1970, a filósofa Simone de Beauvoir dizia que “A representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta” (BEAUVOIR, 1970, p.183). Sob uma ótica patriarcal, a mulher é, então, submissa e inferiorizada aos homens ao longo da

³ O termo “secura”, na entrevista, é usado de forma metafórica para aludir a perdas afetivas e/ou dificuldades sociopolíticas enfrentadas no contexto brasileiro.

história. Mesmo com os avanços das lutas feministas, o direito ao voto e à liberdade de expressão, ainda é possível observar os reflexos latentes de uma parcela da sociedade que desvalida sua autonomia. Num cenário ainda mais nebuloso, cabe fazer um recorte não só de gênero como também de raça.

Para a escritora e teórica feminista bell hooks (2019), o apagamento de mulheres negras vai além: a raça impacta diretamente na forma a partir da qual elas serão enxergadas na sociedade, se é que elas realmente são vistas. A simbologia de feminilidade possui recorte racial, já que apenas a branquitude preserva esse reconhecimento. Para a escritora Cida Silva Bento (2002), entende-se a branquitude como a identificação de traços da identidade racial de pessoas brancas e como o reflexo da perspectiva eurocêntrica fortalece esses grupos detentores de privilégios, excluindo aqueles que não fazem parte desse grupo e favorecendo a perpetuação da desigualdade:

Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais. (BENTO, 2002, p. 2-3)

Sob esse olhar, esse apagamento do outro e o alheamento a seu sofrimento corroboram a sua exclusão moral, entendida como a desvalorização identitária do indivíduo. Assim, “[os] excluídos moralmente são considerados sem valor, indignos e, portanto, passíveis de serem prejudicados ou explorados” (BENTO, 2002, p. 6). Paralelo a isso, o período colonial destituiu qualquer resquício de mulheridade às mulheres negras, isto é, a performance do papel atribuído ao gênero feminino, como comportamentos sociais que reforçam a padronização de feminilidade, rejeitam a existência e o reconhecimento daquelas que não são lidas como brancas. No contexto de escravidão negra nas Américas, por exemplo, quando não eram cruelmente abusadas nas formas sexuais e físicas, cumpriam as mesmas funções destinadas a homens escravizados, vinculadas, por exemplo, a trabalhos braçais em plantações do campo. De forma mais específica, na sociedade brasileira, o período colonial, que teve início com a chegada dos portugueses em 1500 e perdurou até a Proclamação da Independência do Brasil – em 1822 -, também foi marcado por extrema violência, conforme apontam as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling:

Padecer com a arbitrariedade e o abuso dos senhores era moeda corrente, e mulheres escravizadas não poucas vezes foram vítimas do sadismo deles. Seu corpo não era apropriado apenas como produtor de riqueza, mas também como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários, e de ódio, por conta dos ciúmes das senhoras. (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 109)

Esse tratamento brutal era banalizado. Ao pensar sobre tal condição e retratar a realidade da mulher negra, hooks (2019) vai além e compreende que as negras sequer são vistas como humanas, já que são expropriadas de qualquer direito humano.

Uma das pautas do feminismo negro é observar as formas de exclusão sob um olhar racializado, e ainda que hooks faça uma análise voltada para a sociedade estadunidense, é inegável o atravessamento dessa pauta nas literaturas africanas de língua portuguesa. Embora as crônicas de Tavares não falem explicitamente sobre a questão racial, infere-se essa alusão, pois a população angolana é majoritariamente negra. A fim de observar de que modo ocorre o atravessamento entre gênero e labor, cabe avaliar alguns trechos da crônica “As formigas”:

Trabalham há mais de cem milhões de anos no calor, no frio, na tempestade. Sabem da ciência da terra mais do que todos os outros habitantes deste universo e assim constroem túneis, pontes e estradas, muros a uma escala maior do que o seu pequeno tamanho e ainda a propor o labirinto sem se desviarem nem um milímetro de seu propósito inicial: sobreviver na árvore da vida. [...] Da sua consistência diziam os antigos ser tão densa que podia macadamizar os caminhos dos homens, tornando-os lidos e fáceis para as carretas, os carros e os caminhões. São sobreviventes de todas as guerras, terremotos, furacões e outras doenças da terra. Parecem mulheres, na forma como trabalham sem descanso, sem dormir, passando umas às outras remédios, sabedoria e orientação. (TAVARES, 2019, p. 73)

No trecho, Paula Tavares compara as mulheres às formigas, uma vez que ambas trabalham incessantemente. Os estudos da Biologia podem nos auxiliar na compreensão. Esses insetos vivem em grandes colônias que podem se formar sob o solo, no interior de troncos ou até em ambientes artificiais. Em um formigueiro, podemos encontrar diversas fêmeas estéreis, que popularmente são chamadas de operárias, e, na maioria das vezes, uma única fértil, a rainha. Além da majestade, as formigas machos também possuem asas, mas estas não atuam por muito tempo na divisão de trabalho desses animais, haja vista que os machos são responsáveis pela fertilização da rainha - durante o período de acasalamento -, morrendo logo em seguida; as operárias, dependendo da espécie, podem sobreviver até três anos. Fica visível, dentro dessa composição animal, que as fêmeas possuem importância ímpar para a manutenção de sua colônia, pois a maioria é responsável por trabalhar diariamente para manter a ordem e o bem-estar da própria espécie. Na obra *O Segundo Sexo* (1970), Simone de Beauvoir tece comentários a respeito:

Nos matriarcados dos formigueiros e das colmeias, os machos são uns importunos exterminados em cada estação: no momento do vôo nupcial, todos os machos saem do formigueiro e alçam vôo em busca das fêmeas; se as atingem e fecundam, morrem logo após, esgotados; se retornam, as operárias impedem-nos de entrar, matam-nos ou deixam-nos morrer de fome. Mas a fêmea fecundada tem um triste destino: afunda solitariamente no solo e não raro perece de esgotamento, pondo os primeiros ovos. Se consegue reconstituir um formigueiro aí passa doze anos fechada, desovando incessantemente; as operárias, fêmeas cuja sexualidade foi atrofiada, vivem quatro anos, mas uma vida inteiramente consagrada ao cuidado das larvas. (BEAVOUIR, 1970, p. 39)

Para a filósofa, não há uma relação de ganho a nenhuma das partes, uma vez que a fêmea também é escravizada à perpetuação da espécie, em outras palavras, “a fêmea vive mais tempo e parece mais importante, mas não tem qualquer autonomia” (BEAVOUIR, 1970, p. 39), sendo o macho o responsável pela fecundação. É a partir dessa ideia que Simone de Beauvoir nos incita à reflexão: cientificamente, o destino dos insetos é imutável, mas isso não se aplica a uma sociedade:

[...] a sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza. (BEAVOUIR, 1970, p. 57)

Beauvoir (1970), na verdade, faz uma comparação entre os modos de reprodução de vários animais e como ocorre a divisão de “funções” em cada um dos sexos para, posteriormente, inserir uma discussão sobre a espécie humana e refletir sobre as configurações de gênero e a construção social atribuída à mulher. Sua contribuição neste trabalho pauta-se no favorecimento de analogias de referências biológicas expostas em Tavares (2019), quando formigas são comparadas a mulheres, mas, por sua visão ser oriunda de um feminismo francês decolonial da década de 1970 e que não se inscreve no território africano, cabe uma análise mais profunda que consiga dar luz à existência de um matriarcado nas crônicas tavianas.

Para isso, Cheik Anta Diop (1982) levanta pontos pertinentes e que podem se relacionar com a crônica “Formigas”. A organização de um sistema comandado por uma formiga-rainha pode ser entendido como uma metáfora do matriarcado, já que, desde a Antiguidade Clássica, “o berço meridional confinado ao continente africano em particular caracteriza-se pela família matriarcal, pela criação do Estado” (DIOP, 1982, p. 173), isto é, a organização de uma

sociedade ou Estado em que mulheres assumam funções de gestão e poder sobre o seu meio social, cultural e político:

A história da África conhece várias rainhas guerreiras, estadistas que em vários casos enfrentaram na arena militar e política os escravistas e colonizadores europeus. Em Angola, há o exemplo da rainha Nzinga, contemporânea de Zumbi, uma soberana competente o suficiente para resistir aos dominadores portugueses e holandeses. Gana oferece a figura da rainha Yaa Asantewaa, que liderou a guerra dos asante contra o domínio inglês. Esses exemplos não configuram casos isolados, mas confirmam uma tradição que nasce de profundas raízes históricas e culturais. (NASCIMENTO, 2008, p. 79)

Tavares (2019) é persistente ao mostrar em seus textos mulheres responsáveis por movimentar estruturas e “macadamizar os caminhos dos homens” (TAVARES, 2019, p. 57), sem que destes fossem reféns, mas atuantes da história:

O sistema matrilinear não implica uma dominação da mulher sobre o homem, mas a partilha de responsabilidades e privilégios, inclusive do poder. Por este ser partilhado entre mulher e homem, um equilíbrio estável era assegurado nos negócios de Estado. Essa política se expressava no mito egípcio de Osíris, que além de deus era o primeiro soberano simbólico da nação. Osíris exercia o poder político e espiritual em conjunto com Ísis, sua irmã e esposa. Ísis ensinou ao povo o conhecimento da agricultura, e Osíris prontamente o transmitiu à humanidade como um todo, para isso viajando a outras terras e visitando outros povos. (NASCIMENTO, 2008, p. 76)

Numa releitura crítica de Diop (1982), Elisa Nascimento esclarece que há um sistema de colaboração entre os dois gêneros para a manutenção de um poder quando retoma exemplos da Antiguidade Clássica para ilustrar; todavia, não há como se desvencilhar da ideia de que países africanos que passaram pelo extenso processo de colonização, como a própria Angola, deixam, até hoje, grandes feridas de costumes que reforçam o patriarcalismo e, conseqüentemente, do apagamento da autonomia feminina:

Ao contrário de desprezar e reprimir a mulher, o modelo matrilinear estimula o seu desenvolvimento como ser humano e, portanto, sua contribuição produtiva à sociedade. [...] Cabe aqui uma advertência: de nenhuma forma estamos afirmando que na África não existam o patriarcado, o machismo e a opressão da mulher. Estamos tratando de um legado histórico que integra a tradição africana. A influência de outras matrizes culturais, imposta por meios violentos, tem seu papel no estabelecimento de hierarquias de gênero nas sociedades africanas (Oyewumi, 1997). (NASCIMENTO, 2008, p. 76)

Nesse sentido, o que Tavares nos mostra, por meio de uma prosa poética, é que a mulher angolana continua servindo à sua comunidade, “passando umas às outras remédios, sabedoria e orientação” (TAVARES, 2019, p. 57), mas sua trajetória é solitária e invisibilizada. Na condição a qual estão submetidas, de trabalho contínuo, ocorre um processo de desumanização

do elemento feminino não só devido à semelhança às formigas, mas também porque essa “integralidade” ao labor inviabiliza qualquer outra possibilidade que a mulher possa experienciar na contemporaneidade, diferentemente da Antiguidade Clássica. Liberdade e Feminino parecem antônimos. Longe de qualquer manifestação afetiva, a solidão torna-se, paradoxalmente, sua única companheira.

Angela Davis, após fazer um meticuloso estudo sobre a condição de mulheres negras e as relações de trabalho a partir do reflexo colonial, chegou à conclusão de que “Assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família” (DAVIS, 2016, p. 225), porém, esse modelo de feminilidade advém de condições sociais da burguesia e das classes médias, aplicando-se a mulheres brancas. No contexto africano, a plantação e a agricultura eram atividades exercidas por mulheres, enquanto a caça era uma atividade masculina. Assim:

Como consequência direta de seu trabalho fora de casa – tanto como mulheres “livres” quanto como escravas -, as mulheres negras nunca tiveram como foco central de sua vida as tarefas domésticas. Elas escaparam, em grande medida, ao dano psicológico que o capitalismo industrial impôs às donas de casa brancas de classe média, cujas supostas virtudes eram a fraqueza feminina e a submissão de esposa. As mulheres negras dificilmente poderiam lutar por fraqueza; elas tiveram de se tornar fortes, porque sua família e sua comunidade precisavam de sua força para sobreviver. (DAVIS, 2016, p. 232)

De volta à crônica, num contexto em que o feminino soa como um retrato de formigas-operárias que “trabalham há mais de cem milhões de anos no calor, no frio e na tempestade”, Tavares é cirúrgica ao denunciar o propósito dessa dedicação: “sobreviver na árvore da vida” (TAVARES, 2019, p. 57). O teor subjetivo contrasta com um tempo no qual o matriarcado fortalecia a autonomia feminina. Tavares busca romper com a esterilidade das operárias, representação simbólica de mulheres, a fim de que essas possam reconquistar o reconhecimento, o espaço e a liberdade.

O texto também recria um provérbio (“A formiguinha do mel não atravessa o rio a salto”) dos povos nyanecas, considerado um dos mais antigos grupo do etnolinguístico do sul angolano, como pode ser visto ao final do texto de “As formigas”:

Kane-Wia está seguro pelo cimento das formigas e não autoriza passagem nem de homem nem de mulher nem de bicho porque “quem sobe não volta”, dizem os Kuvale e são eles que sabem da floresta, dos bois, das exatas curvas do vento e das formigas. Dizem: “a formiguinha do mel manda no elefante”. (TAVARES, 2019, p. 73)

No trecho acima, temos a presença de elementos locais: o Kane-Wia, montanha localizada no interior da província do Namibe, e que preencheu o imaginário dos povos mucumbais (grupo étnico semi-nômada) sobre ser um local amaldiçoado, onde “quem sobe não volta”. Ana Paula Tavares traz essa mitologia também no imaginário do povo Kuvale e ressignifica o provérbio: “a formiguinha do mel manda no elefante”. Isso porque “os provérbios destacados em suas crônicas expressam algumas das lições passadas à cronista. E esta continua a cumprir a tradição de repassá-las, no caso, para nós, privilegiados leitores, que podemos partilhar dessa “atmosfera sagrada” de ensinamentos” (GOMES, 2007, p. 88). A antítese entre os dois animais mencionados revela, de forma metafórica, a grandeza feminina diante do masculino, logo, se as mulheres são como formigas, sua força não pode ser subvertida:

Tudo isso está presente na arqueologia da vida das crônicas de Ana Paula, cuja escrita vai acendendo, no avesso das palavras, pequenos lumes que funcionam como “avisos à navegação”, como alertas contra a violência e a ganância que destroem os sonhos. (SECCO, 2019, p.10)

Cabe pontuar que provérbios estabelecem uma relação direta com a oralidade e, segundo Secco (2019), “o trabalho com a voz e a recuperação da memória ancestral através da reinvenção estética de mitos, provérbios” (SECCO, 2019, p.5) favorece a conexão entre passado e presente. O que Tavares visa é não só denunciar a forma que a mulher angolana é vista em sua sociedade, mas construir uma narrativa que possibilite a libertação dos paradigmas que tentam invisibilizá-la para reafirmar a sua força. Ironicamente, a pequenez das formigas em nada as impede de ocupar os espaços, assim como mostrado no texto, mas essa representação simbólica levanta um questionamento: mesmo com toda a sua grandiosidade, por que as mulheres são diminuídas diante de uma sociedade que parece constantemente limitá-las? A crônica tavoriana incita o leitor a refletir sobre essa ferida aberta do patriarcado, que naturaliza a superioridade de homens e rebaixa o feminino a funções de obediência.

4.2 MATERNIDADES

No *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* (2011), a definição de maternidade é entendida como a “condição de mãe” ou o “laço parentesco que liga a mãe a seus filhos”, todavia, esses sentidos trazem uma visão genérica sobre a questão, haja vista que não se trata de uma conduta ou comportamento semelhante a todas as mulheres. As maternidades não têm fórmulas, porque as constituições familiares são distintas em seus valores, crenças e

culturas. Tavares, como observado, focaliza o seu olhar no feminino, e uma faceta que se mostra intensa em suas crônicas é a da maternidade. Distante de romantizar a situação de mães como “heroínas”, sem a demonstração de vulnerabilidades, ou “invencíveis”, as crônicas “Dentes de Lobo” e “Mães da Nigéria” trazem experiências diversas sobre o elo maternal em situações de adversidades: diante da fome e diante da morte.

Como essas mães lidam com as dificuldades? Como driblar os desafios para propiciar o bem-estar de seus filhos? Estão sozinhas ou acompanhadas? Essas mulheres são ouvidas na sociedade? Essas perguntas serão respondidas nos capítulos a seguir.

4.2.1 Ser mãe é doar-se incondicionalmente? Análise da crônica “Dentes de Lobo”

*“A fome também é professora.
Quem passa fome aprende a pensar
no próximo, e nas crianças”.*
(Carolina Maria de Jesus)

No prefácio de *Um Rio Preso Nas Mãos* (2019), a professora Carmen Tindó Secco alerta que Tavares “maneja as palavras com labor e arte, construindo sentidos que transformam seu discurso em viagem por dentro do tempo e da linguagem” (SECCO, 2019, p. 7). Sabendo que a linguagem conotativa é incessante em seus textos, cabe indagar sobre o título atribuído à crônica “Dentes de Lobo”, que em determinado momento da obra será explicado como uma analogia ao formato que as massas possuíam após serem assadas em formas de harmônio, “que uma vez entradas no forno de lenha do quintal deixavam crescer bolos em forma de presas” (TAVARES, 2019, p. 65). Sabendo, todavia, que as alegorias são constantes nas crônicas tavianas, o título indaga-nos a pensar para além, puramente, das presas do lobo, que faz um trocadilho com o termo “bolo”.

Os lobos são mamíferos, do grupo dos *Canídeos*, e seus dentes molares funcionam como “tesouras” para cortar alimentos, como a carne. São caçadores e a maior parte desses animais vive em grupos, as alcateias, nesse sentido, organizam-se de forma a preservar o bem-estar e a sobrevivência do coletivo. De acordo com os estudos da Biologia, a organização das alcateias é composta por uma hierarquia, em que o líder geralmente é um macho alfa, formando casal com uma fêmea alfa, responsáveis pela reprodução de uma futura ninhada. Os demais lobos têm a função de cooperação e proteção. Essa noção de “viver em bando” aparecerá de forma metaforizada nas relações familiares presentes na prosa “Dentes de Lobo”, contudo, a liderança

da casa não é centralizada na figura masculina, e sim na feminina, com a presença da matriarca. Antes de debruçar-nos na crônica, cabe analisar as composições de parentela em África, com foco na Angola.

Ao pensarmos na composição familiar angolana, compete destacar a função das mães como seres centrais na organização das famílias e que atuam de modo vívido na promoção do bem-estar coletivo de forma social e política. Esse embasamento científico é oriundo dos estudos do historiador e antropólogo Cheikh Anta Diop (1982) acerca das esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica. Para o autor, muitos povos africanos advêm de um sistema matrilinear, isto é, a descendência ancestral materna possuía maior relevância na sociedade e inclusive maior poder. Diop (1982) esclarece que “Nas sociedades meridionais, tudo aquilo que concerne à mãe é sagrado; a sua autoridade é, por assim dizer, ilimitada” (DIOP, 1982, p. 35).

Esse pensamento tem o intuito de refutar teorias antecedentes, sobretudo de autores europeus, que afirmavam a inferioridade do matriarcado como primitiva. A primeira tese apresentada por Diop é a de Bachofen (1861 *apud* DIOP, 1982), a qual declara o absolutismo do matriarcado a partir de vestígios extraídos da literatura clássica da Antiguidade, afirmando, todavia, que houve uma espécie de passagem para o patriarcado, sendo este entendido como um estágio superior ao antecedente. Em seguida, a tese de Morgan (1871 *apud* DIOP, 1982) chega à mesma conclusão de Bachofen (1861 *apud* DIOP, 1982)), mas por vias distintas:

Este partiu do sistema de parentesco em vigor nos Índios Iroqueses da América (Estado de Nova Iorque) para reconstituir as formas primitivas da família humana. Constrói deste modo uma teoria da qual se servirá para explicar os aspectos obscuros da organização familiar e social da Antiguidade clássica (genos, fratrias, tribos,...). (DIOP, 1982, p. 16)

Por fim, a terceira e última tese analisada por Diop é a de Friedrich Engels (1884 *apud* DIOP, 1982)); a partir dela, Nascimento (2008) nos explica que:

[...] o autor reúne e avalia, aceitando como incontestáveis, a teorias de estudiosos europeus que postulavam uma evolução cultural universal a todos os povos. De acordo com essa linha de pensamento, certos estágios de organização familiar comporiam um processo de evolução comum a todas as sociedades humanas. (NASCIMENTO, 2008, p. 74)

Os estágios propostos por Engels (1884 *apud* DIOP, 1982)) também marcavam uma espécie de evolução do matriarcalismo ao patriarcalismo; e Nascimento (2008) apresenta como se deu a divisão de cada etapa:

O primeiro estágio seria um estado de promiscuidade total e indiscriminada, em que o único parentesco conhecido de uma criança seria o do lado materno. No segundo estágio, no qual a paternidade também seria conhecida por meio de normas de convívio e conduta sexual, o casamento entre irmã e irmão era proibido. O terceiro seria o da família monogâmica matrilinear, em que o parentesco é traçado pelo lado da mãe. E o último seria o da família monogâmica patriarcal. (NASCIMENTO, 2008, p. 74)

Expostas as três teses, Diop (1982) explica que ainda que o trabalho dos antropólogos mencionados conseguissem constatar que povos classificados como primitivos possuísem sistemas matrilineares, a noção de universalidade acerca do matriarcado como arcaico é falha, já que carece de comprovação científica. Além disso, o senegalês formula a hipótese da existência de dois berços do desenvolvimento da humanidade: o do norte e o do sul, que serão melhor abordados adiante. Mesmo hoje, no século XXI, o estudo cuidadoso de Diop parece se confirmar, pois as crônicas tavianas estabelecem uma espécie de “ponte” com o sistema matrilinear, ao apresentar o retrato de formações familiares no território sul angolano em que as matriarcas exercem autoridade.

Em um ambiente onde a fome estabelece morada, a crônica “Dentes de Lobo” nos mostra o dia a dia de uma família que sofre com mazelas socioeconômicas, mas que possui a figura centralizadora da avó como símbolo de força e resiliência para driblar as adversidades:

Antes de sentar as mãos eram lavadas na bacia do quintal com água fria da vala que corria perto. Era uma coisa boa que a cascata, antes de se perder entre as montanhas, deixasse alguns bracitos correr pela terra do chão da nossa aldeia. Ao contrário da mesa, a vala era farta de animais e plantas. Em alguns sítios crescia mesmo o agrião que a avó mandava colher em certos dias para a sopa e certas mezinhas e encantamentos. (TAVARES, 2019, p. 81)

O primeiro parágrafo do texto em prosa possui teor descritivo e pictórico, isto é, o detalhamento espacial favorece o imaginário, a representação visual. Curiosamente, a descrição não possui a predominância de adjetivos – pouco comum em textos que contêm essa tipologia textual - e nota-se um sinteticismo na estrutura dos períodos. A presença de verbos no pretérito imperfeito (“eram”, “corria”, “era”, “crescia” e “mandava”), que inclusive serão frequentes em todos os parágrafos da crônica, marcam a noção de recorrência dessas ações e/ou continuidade e duração no passado. A voz narrativa parece evocar memórias da juventude, haja vista a linguagem que se aproxima do diminutivo informal e soa afetuosa: “alguns bracitos correr pela terra do chão de nossa aldeia”.

O teor poético se estende pelas cargas sinestésica (tato) e metonímica representadas pelas mãos e pelos braços em contato com os elementos da natureza. A sonoridade,

especialmente se lido em voz alta, acentua a presença de aliterações e assonâncias (a repetição de sons consonantais e vocálicos, respectivamente), como em “antes de se perder entre as montanhas, deixasse alguns bracitos correr pela terra” e “certos dias para a sopa e certas mezinhas e encantamentos”. Cabe notar, ainda, que há uma preocupação em destacar elementos da própria terra, como o agrião, para unir passado e presente, na medida em que essa verdura era usada para fazer medicamentos caseiros (mezinhas) ou encantamentos para rituais. Assim, Tavares traz à tona a tradição - vinculada à imagem da avó - e a circunscreve no tempo presente ao resgatá-la por meio da memória.

Era importante a sopa, porque a fome dos miúdos era grande e os miúdos eram muitos e a comida pouca. A avó percebeu isso muito cedo e por isso logo de manhã ao lado do fogo sagrado, a fogueira da cozinha era também acesa, e uma grande panela com água, suspensa por cima. Demorava muito a ferver, mas assim que a água se erguia em cachão a avó e as tias iam deitando lá para dentro tudo o que o chão da horta dava: batata-reina, batata-doce, abóbora, feijão, milho fresco e flocos de aveia. Depois as couves cortadas à faca em golpes muito rápidos. Às vezes em vez da couve iam folhas de gimboa. As mãos das mulheres estavam treinadas e preparavam ao mesmo tempo a sopa dos miúdos e a comida dos porcos. (TAVARES, 2019, p. 81)

Nesse cenário, a terra mostra-se presente como uma grande Mãe, pois é de seu solo que nascem os frutos da vida e que alimenta aqueles que dela necessitam. Em “Dentes de Lobo”, os laços afetivos explicitam o conhecimento e a experiência daquelas que vivenciaram a “maternidade dupla” - as avós -, pois estas fazem transparecer, nas ações cotidianas, as práticas de zelo com seus pares não apenas como um símbolo de vínculo afetivo, mas como uma prática de resistência e proteção de seus entes queridos contra a fome, a dureza da vida e outras mazelas sociais. Dentro da constituição familiar, a figura que se destaca como símbolo de liderança e conhecimento é a da matriarca, representada na crônica pela avó; logo:

Toda a sociedade africana negra está convicta da ideia segundo a qual o destino da criança depende unicamente da sua mãe e, em particular, do labor que esta concretiza no lar conjugal. (DIOP, 1982, p. 36)

Metaforicamente, a fome é grávida, uma vez que se perpetuou ao acompanhar todas as gerações dos familiares: avós, filhos e netos, e a fertilidade assume uma condição ambígua, pois, na primeira circunstância, acarreta a proliferação da condição de pobreza, e, posteriormente, assume a função de geradora de vida, oferecendo a sobrevivência pelos frutos da terra. Dentro da constituição familiar, a figura que se destaca como símbolo de liderança e conhecimento é a da matriarca. De acordo com a descrição apresentada pelo narrador, as tias

vivem dentro do mesmo seio familiar que o narradora jovem, e isso retoma a estrutura da sociedade africana:

Quando um Wolof ou um qualquer Africana chama de pai ou mãe ao irmão de seu pai ou à irmã de sua mãe, este sabe que aqueles lhes são substituíveis em caso de falecimento, de doença ou de insuficiência. A estrutura da sociedade africana – tal como será descrita mais adiante – exige esta assimilação dos tios e das tias aos verdadeiros pais. (DIOP, 1982, p. 43)

Na narrativa, a presença masculina marca-se em dois momentos: no primeiro, como uma menção aos objetos que foram trazidos pelo pai em antigas viagens e, no segundo, a partir de um trecho composto com o discurso indireto livre, em que, brevemente, o patriarca comenta sobre a condição de miserabilidade a qual a família inteira estava submetida. Retomando a composição organizacional dos lobos, o macho alfa seria a figura mais ativa da alcateia e conseqüentemente a responsável por “prover” e tomar as decisões de seu grupo. De forma contrária, Tavares repensa o papel social da mulher, inclusive dentro do próprio lar, trazendo protagonismo para as lideranças femininas, que muitas vezes são colocadas ao silêncio.

Pincelando uma nova associação de forma breve, na mitologia romana, é a loba Capitolina a responsável por amamentar os gêmeos Rômulo e Remo, filhos do Deus grego Ares, após serem atirados ao rio para morrerem afogados e curiosamente salvos por uma loba. No reino animal, o instinto maternal. Na sociedade, há de se tomar cuidado com o termo “instinto” para que não se naturalize a condição maternal como símbolo da existência da mulher, desconsiderando suas dificuldades e a solidão. Em “Dentes de Lobo”, parece haver uma passividade do pai em relação à resolução de conflitos, pois quem precisa cuidar e zelar pelo bem-estar das crianças, como mantê-las alimentadas, é sempre a figura feminina:

A nossa fome era antiga, fazia espelho nos olhos da mãe, sempre acuada, sempre grávida, sempre triste “com um filho à frente e outro atrás”, dizia o pai nos dias do vinho. (TAVARES, 2019, p. 82)

Em contrapartida, a presença de tias, mães e avós são carregadas de força e autonomia para driblar as dificuldades diárias, seja no preparo de alimentos, no cuidado com os menores ou no zelo com a casa. Beavouir (1970) traz uma perspectiva acerca da maternidade e as relações de servidão:

Quanto às servidões da maternidade, elas assumem, segundo os costumes, uma importância muito variável: são esmagadoras se se impõem à mulher muitas procriações e se ela deve alimentar e cuidar dos filhos sem mais ajuda; se procria livremente, se a sociedade a auxilia durante a gravidez e se se ocupa da criança, os

encargos maternos são leves e podem ser facilmente compensados no campo do trabalho. (BEAVOUIR, 1970, p.74)

Todavia, essa perspectiva se aproxima na medida em que se percebe uma semelhança da mulher angolana e as imposições sociais de cuidar dos filhos e do lar, mas se distancia ao não realizar um recorte racial e que olhe para aquelas que vivem em ambiente rural, tal como é apresentado na crônica de Paula. Segundo Carmen Tindó Secco (2003), ao comentar sobre a composição literária de Paula:

Um dos eixos que permeia sua trajetória poética é a consciente opção por romper o silêncio que, em grande parte, envolve as mulheres angolanas, em particular as originárias das etnias do sul de Angola, onde a pastorícia e a agricultura definem o modo de vida, os ritos, os contratos, enfim, os costumes e a história desses povos. (SECCO, 2003, p. 2)

Se a agricultura é inerente à mulher angolana, a maternidade apresentada por Tavares dialoga com a ancestralidade: são avós, tias e mães que, mesmo diante da fome, cuidam com afeto dos menores e perpetuam, por meio dos ensinamentos, os rituais:

A curva da tarde surpreendia-nos ainda em tarefas de recoleção a que a avó e o Amboal punham cobro com um banho de celha, sabão azul e carolo de milho. Depois de untados com o creme que a mãe fazia (cera de abelhas, aloés e vaselina pura) por causa do cieiro, perfilávamo-nos outra vez diante da sopa, a mesma do almoço engrossada com farinha de milho. Os domingos eram melhores já porque, logo de manhã, ao mata-bicho, uma ração de leite era temperada com o café desdobrado do avô e mais uma colher de açúcar mascavado. Depois durante o dia sempre cheirava a comida e a avó colocava colheres de massa nas formas em harmônio, que uma vez entradas no forno de lenha do quintal deixavam crescer bolos em forma de presas – os dentes de lobo da nossa consolação. (TAVARES, 2019, p. 82)

O vínculo com os rituais é transmitido às gerações mais novas, que aprendem, por tarefas, os costumes dos antigos. Tais ações recriam “ritos e práticas culturais vivenciados ancestralmente por etnias da região da Huíla” (GOMES, 2007, p. 40). Mesmo com uma narrativa memorialista que acentua o cuidado e zelo de seus pares para manter a “alcateia” protegida, a crônica tavariana denuncia e critica a condição de vulnerabilidade vivenciada pela família. A experiência de Secco (2008) em considerar a forma que Tavares sensibiliza-nos com suas emoções leva-nos a crer que:

Essa experiência de reavaliação dos sofrimentos não tem, entretanto, nada de masoquista. Ao contrário, fortalece o eu-lírico, dando-lhe uma compreensão mais humana da sociedade e de seus semelhantes, através do enfrentamento não só de sua dimensão existencial, ontológica, mas da análise crítica do contexto político de Angola. Também a preocupação em ressignificar o passado, outra constante da

poética de Paula, não apresenta nenhum traço de saudosismo ou nostalgia. (SECCO, 2008, p. 203).

Tavares revisita as lembranças e tece, com sensibilidade, a força da avó - símbolo de sabedoria -, que, mesmo diante de adversidades, proporciona aos mais jovens o alimento. Ao final, a autora ainda trabalha com refinada ironia ao dizer que os bolos eram os “dentes de lobo da nossa consolação”. No *Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa* (2012), a palavra “consolação” significa “aquilo que alivia, que traz conforto para quem sente tristeza, frustração etc.”, sendo assim, nas condições analisadas, o patriarcado contemporâneo incorpora a resistência e a luta das mães que driblam contra a fertilidade da fome.

4.2.2 - Ser mãe é padecer no paraíso? Uma análise da crônica “Mães da Nigéria”

*“Chapa, ontem o sol nem surgiu, sua mãe chora
Não dá pra esquecer que a dor vem sem boi
Sentiu, lutou, ei djow, ilesa nada
Ela tá presa na de que ainda vai te ver.”*
(Emicida)

Enquanto muitas dessas mulheres têm a possibilidade de cultivar seus laços maternos em vida, para outras, a morte ou o desaparecimento de filhos e/ou filhas, como impeditivos, estendem-se como barreiras construídas pela dor da perda ou pela angústia em busca de notícias. A construção de uma relação entre maternidade e luto torna-se, então, outro ponto a ser analisado ao longo deste trabalho, especialmente porque, em parte, a vivência desse sofrimento não se cala.

Na crônica “Mães da Nigéria”, Paula Tavares discorrerá sobre como o Boko Haram - entidade fundamentalista e terrorista que procura a imposição da lei islâmica na região norte da Nigéria - destruiu tantas famílias. O grupo terrorista, formado em 2002, invadiu, em 14 de abril de 2014, a escola de Chibok, localizada na parte sul do país, e sequestrou 276 meninas, em sua maioria de 16 a 18 anos, que cursavam o último ano do ensino secundário. De acordo com a reportagem da BBC (2021)⁴, nas semanas posteriores ao atentado, foi confirmado o seu destino:

⁴ Informações detalhadas acerca do Boko Haram estão disponíveis no portal virtual da BBC, na matéria *Boko Haram: o sequestro de meninas que comoveu o mundo*. Além disso, o texto mostra que algumas delas conseguiram fugir e foram resgatadas, mas até agosto de 2021, 112 meninas ainda estavam mantidas em cativeiro. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55973853>. Acesso: 5 de julho de 2022.

as meninas foram obrigadas a se converterem à religião muçulmana (a Nigéria é dividida religiosamente: a região norte com predomínio muçulmano e a região sul, cristã), muitas ficaram mantidas em cativeiro e outras foram vendidas a U\$S12 (doze dólares) a integrantes do Boko Haram como esposas. Tamanha situação desesperadora é retratada por meio da literatura tavariana:

Venham, oh mães, que aqui se canta a história de uma noite, meio dia e algumas horas e assistam de pé aos cantos dos vossos filhos que agora já não cantam. Venham oh mães com as vossas vozes noturnas chorar os filhos, os antigos e os novos de cujos corpos o rio da vida fugiu, como o antigo rio que nos alimentava e cedeu ao deserto, venham oh mães porque por aqui passou a loucura com bandeiras de fogo e vento e nada é igual ao tempo. (TAVARES, 2019, p. 44)

O trecho inicial distancia-se de uma crônica do cotidiano. Não há um sequenciamento de ações ou uma abordagem sobre o trivial, e o leitor-destinatário (as mães), isto é, a quem o texto se endereça para o diálogo, é chamado, de forma apelativa, a lidar com as consequências do desaparecimento ou da morte dos filhos que se foram. Na verdade, tem-se a presença de uma composição lírica, e o uso repetido do verbo no imperativo, junto ao vocativo em “Venham, oh mães” (TAVARES, 2019, p. 44) aproximam-se de um cântico, mas com estrutura em prosa. Revela-se, ainda, como traço estilístico a metalinguagem. A voz textual explica que “aqui se canta a história de uma noite, meio dia e algumas horas”, tecendo breves comentários sobre a temática do próprio texto. Rita Chaves (2000) já havia observado essa característica tavariana:

A lâmina da poesia tem sido uma ferramenta adequada para penetrar em câmaras fechadas, em cantos escuros, por isso a ela a cronista se apegava e seus textos atestam que a opção pela prosa, e pela prosa curta, não postulavam uma ruptura com o lírico. Ao contrário, através dos textos, vamos percebendo que a intimidade com a poesia manifesta-se de modo vivo [...]. (CHAVES, 2000, p. 6)

Fazendo uso do apelo sensorial, audição (ouvir os cantos e cantar), visão (assistir de pé) e tato (chorar), “as palavras se ligam por uma musicalidade poética sussurrada em nossos ouvidos” (GOMES, 2007, p. 79), vide a presença de assonâncias (repetição de sons vocálicos) e aliterações (repetição de fonemas consonantais) em “as vossas vozes noturnas” e “os antigos e os novos de cujos corpos”. As antíteses ecoam desde as mais visíveis (“uma noite, meio dia”; “antigos” e “novos”) até as mais refinadas (“cantos dos vossos filhos que agora já não cantam”; “rio” e “deserto”), reforçando a subjetividade característica de textos líricos.

Com tom elegíaco, Paula evoca a união de mulheres para cantar a tristeza da perda. Ao falar que os filhos foram levados pelo “rio da vida”, Tavares metaforiza o luto. A autora já

afirmara que o rio⁵ possui simbologia ímpar em seu trabalho, vide o título de sua obra, mas cabe tecer uma breve relação com o sentido literário. Guimarães Rosa, autor pós-modernista brasileiro, em seu célebre conto “A terceira margem do rio”, apresenta-nos a história de um pai que abdica de seu trabalho e da própria família e parte, após construir sua canoa, para o rio, o que simboliza uma viagem ao desconhecido. O conto evidencia o rompimento dos vínculos familiares, mesmo com a tentativa frustrada de os filhos estabelecerem um contato com o pai, indagando questionamentos sobre o que motivou a atitude do então patriarca. De acordo com a Geografia, um rio é composto por duas margens, mas Rosa ultrapassa o plano do real e apresenta-nos a “terceira margem”, que pode simbolizar uma referência metafísica ou um eufemismo para a eternidade. Em entrevista, o autor comenta sobre a simbologia dos rios:

(...) amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: a eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar a eternidade. (ROSA, 1965)

Na crônica de Tavares, a autora trabalha com sensibilidade a perda, personificando o movimento infindável das águas que levou filhos e filhas a circunscreverem no silêncio, pois o “rio da vida fugiu”, carregando a abundância da existência humana e deixando, após sua passagem, o recuo das margens e conseqüentemente a secura, convertida em melancolia, dos elos maternos. Com o fito de analisar a profundidade desses sentimentos, o psicanalista Sigmund Freud entende o luto como “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 1917, p. 249) e estabelece uma aproximação com o sentimento de melancolia:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917, p. 28)

Se levado em consideração o olhar freudiano entre luto e melancolia, as mulheres negras nigerianas serão assoladas não só pela dor, mas também pelo silêncio, ao não serem ouvidas pela sociedade e sequer acolhidas. A falta de empatia com a dor dessas mães também está

⁵ Conforme explicado anteriormente neste trabalho no Capítulo 3: Quantos rios cabem nas mãos? As facetas femininas.

atrelada ao conceito de “luto não reconhecido”, expressão elaborada pelo professor estadunidense Kenneth J. Doka, em 1989, que aborda como a não validação desse sentimento de perda, pelas pessoas que estão à volta do enlutado(a), prejudica a compreensão ou acolhimento daqueles que estão sofrendo. Como parte das obras de Doka não foram traduzidas para o português, as pesquisas da psicóloga brasileira Maria Helena Pereira Franco (2021) serão de grande valia para o aprofundamento teórico deste trabalho, pois a autora, além de revisitar as ideias de Doka (1989), traz uma visão atualizada e contextualizada sobre as diferentes formas de luto no século XXI.

Para Franco (2021), o “o luto não reconhecido é aquele que não pode ser expresso e vivenciado abertamente, por censura da sociedade ou do próprio enlutado, quando o vínculo rompido não é validado ou quando o enlutado não é entendido como tal” (FRANCO, 2021, p. 125). Sob essa perspectiva, entende-se que esse sentimento não está ligado, necessariamente, à morte de uma pessoa, haja vista que o rompimento de vínculos emocionais com alguém pode ser acompanhado de uma tristeza que só parece ser compreendida por outros grupos se as relações interpessoais criadas pertencerem a um “padrão” aceito socialmente, como o término de um casamento, por exemplo. Por outro lado, há a construção de diversas relações que a sociedade, ou parte dela, parece ignorar quando ocorre, por algum motivo que não a morte, a ruptura de um laço afetivo.

Entre os lutos não reconhecidos estão a perda gestacional ou perinatal (Tinoco, 2015; Black et al., 2016), o luto no ambiente de trabalho (Marras, 2016), a perda de um animal de estimação ou de companhia (Oliveira e Franco, 2015), a aposentadoria (Souza e Maciel Jr., 2015), o desaparecimento de um filho (Oliveira, 2015), o luto do profissional de saúde (Maso et al., 2013; Liberato, 2015; Bousso, 2015) e o do religioso (Câmara, 2017), o luto por suicídio (Fukumitsu, 2013a e 2013b; Silva, 2015) e aquele pela perda de um(a) amigo(a) (Smith, 2002). (FRANCO, 2021, p. 125)

Dentre os exemplos destacados, observa-se que o desaparecimento de um filho é um luto não reconhecido e, não à toa, temática da crônica de Tavares (2019), porque a autora retira a cortina da invisibilidade atribuída ao tema e, por meio da polifonia, dá voz e notoriedade às mães nigerianas, com o reconhecimento da violência duplamente sofrida – o sequestro das meninas e o desespero gerado pelo sumiço de uma filha.

Sendo a autora historiadora, ela passeia pelos acontecimentos sociopolíticos ao mesmo tempo em que rememora seu lugar de fala como mãe, ainda que não tenha vivenciado o luto materno; talvez justamente por isso a polifonia em suas crônicas se mostre tão recorrente: para imprimir, por meio de seu discurso, a reprodução de outras vozes femininas. Dessa maneira, “As crônicas de Ana Paula Tavares se tecem de memória, História e outras histórias vividas,

experimentadas pela cronista e também por outras personagens, muitas delas mulheres” (GOMES, 2007, p. 85).

Chamei-vos para que a palavra repetida, a que cura e veste, não pare mais e consiga rasgar este silêncio que agora desceu sobre as nossas vidas como uma pedra, uma única pedra que rompeu o nosso sonho e de seguida a vida de todos aqueles que, no mercado, ainda buscavam o peixe. (TAVARES, 2019, p. 44)

Nesse pequeno trecho, a voz narrativa explicita a finalidade do chamado, e o uso do pronome possessivo em “nossas vidas” e “nosso sonho” favorece a ambiguidade, pois tanto pode incluir as mães na experiência coletiva quanto reforçar apenas o discurso de quem profere, induzindo-nos a pensar que seriam as filhas ou filhos convocando suas mães. O discurso poético percorre o texto e reforça o potencial das palavras de romperem o abismo entre a dor e o não dito. Em determinados momentos, “a sensação que se tem é a de que o texto se apresenta dotado de certa “intraduzibilidade”” (AMORIM, 2019, p.6), todavia, a presença de elementos alegóricos, como a pedra, que pode metaforizar um bloqueio ou proibição, conduzindo o leitor a olhar com sensibilidade para a escrita. Padilha já alertava para esse poder de sementeira linguística:

[...] Paula Tavares talvez obedeça a essa imensa necessidade de conhecimento das coisas, significando uma tentativa de a elas se unir para descascar as palavras, como se fossem frutos. Para tanto, às vezes as inventa, recriando-as, buscando-lhes inesperadas associações. (PADILHA, 2000, p. 297)

Ao refletirmos sobre o título da crônica, “Mães da Nigéria”, a contração da preposição ‘de’ com o artigo ‘a’ reforça, semanticamente, uma particularização. Não se trata de um texto dirigido a quaisquer mães, mas àquelas que estão sob a “condição” dolorosa de pranto ou luto. Ainda que a nacionalidade dessas mulheres esteja delimitada pelo adjunto adnominal “da Nigéria”, a temática da obra estabelece interseções com outras vivências que ultrapassam o território nigeriano, haja vista que a tristeza é um sentimento universal. Para o filósofo francês Roland Barthes, “O texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo” (BARTHES, 2004, p. 64), sendo assim, faz-se interessante considerar – também – a luta de mães argentinas e brasileiras, a título de exemplificação, contra as ‘correntezas’ do rio.

Ao final da década de 1970, na Argentina, o país passava pela sexta e última ditadura militar⁶, que data de 1976 a 1983. Maria Estela Perón assume o poder em 1974, após seu marido

⁶ A Argentina já passou por seis ditaduras. Nos anos de 1930, 1943, 1955, 1962, o país sofreu quatro golpes de Estado, resultando em regimes ditatoriais provisórios. O quinto regime datou de 1966 a 1973, sob o comando de

Juan Domingo Perón (na época presidente da Argentina durante o breve período de democratização do país) falecer, mas sofre um Golpe de Estado pela Junta Militar, visto como uma das ditaduras mais opressivas da nação.

No período em que vigorou o autodenominado “Processo de Reorganização Nacional”, uma Junta Militar, composta pelas três armas das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), assumiu o poder e, em seguida ao golpe, indicou o general Jorge Rafael Videla para presidir o país. A partir de então, desencadeou-se um regime pautado na desindustrialização, no endividamento externo, em sua autolegitimação, na centralização do poder nas mãos dos militares, com participação direta dos civis oriundos das elites nacionais, e no Terrorismo de Estado. Durante a última ditadura argentina, além do ditador Videla (1976-1981), estiveram a frente desse processo os generais, Roberto Eduardo Viola (1981-1981), Leopoldo Galtieri (1981-1982) e Reynaldo Bignone (1982-1983). (CRIVELENTE, Mariana Ramos. 2017, on-line).

Num período em que a censura e o medo caminhavam lado a lado, opositores do governo eram perseguidos, presos, torturados ou mortos. As historiadoras Maria Lígia Prado e Gabriella Pellegrino pontuam que:

Os militantes que não estavam desaparecidos ou exilados isolaram-se no silêncio. A historiografia hoje apresenta uma densa reflexão sobre a experiência vivida por essa geração, que no ambiente tenobroso da repressão, gradualmente, distanciou-se das plataformas revolucionárias e abraçou as bandeiras relacionadas aos direitos humanos e ao horizonte da redemocratização. (PRADO e PELLEGRINO. 2019, p.169)

Além de organizações operárias e sindicais, intelectuais, religiosos e estudantes que simbolizavam a resistência, a "inflexão foi favorecida por protagonistas externos às organizações de esquerda, que em dado momento foram levados a pronunciar-se sobre as atrocidades perpetradas pelo regime" (PRADO e PELLEGRINO. 2019, p.169), dentre elas o movimento denominado Mães da Praça de Maio. No dia 30 de abril de 1977, catorze mães se reuniram na Praça de Maio - principal praça do centro da cidade de Buenos Aires -, usando um lenço branco na cabeça, em busca de respostas sobre o paradeiro de seus filhos desaparecidos devido à ditadura argentina e visando chamar a atenção das autoridades para o seu apelo.

O exemplo mais clássico é o das Mães da Praça de Maio, que fizeram do drama pessoal de seus filhos desaparecidos uma luta política indissociável do processo de crise da ditadura argentina e, à medida que o movimento se politizava, de defesa da democracia. Ao caminharem juntas pela Praça de Maio, no centro de Buenos Aires, ostentando o lenço branco que se tornou o símbolo de sua ação, as Mães pressionaram a ditadura a reconhecer os crimes de assassinato do que mais tarde se soube referirem-se a milhares de pessoas na Argentina. (PRADO e PELLEGRINO. 2019, p.169)

Juan Carlos Onganía e seus aliados civis, sendo marcado por “um governo autoritário e modernizador, inspirado no modelo brasileiro de 1964, o qual configurou a primeira tentativa de formular um modelo argentino de regime civil-militar” (CRIVELENTE, Mariana Ramos. 2017, on-line).

De acordo com informações do portal G1⁷, de 1976 a 1983, mais de 30 mil pessoas desapareceram na Argentina, o número alarmante leva-nos a imaginar a sensação de pavor que mães e outros familiares infelizmente vivenciaram naquele período. A ausência de respostas e a banalização da violência cometida pelos militares geraram a construção de um cenário catastrófico, como afirma Franco (2021):

Boss (2006) ajuda-nos a entender como a experiência de um desastre se delinea pelos contornos da ambiguidade e como esta terá peso nas medidas a serem tomadas no enfrentamento do luto e na reconstrução dos significados por parte dos afetados. Entre as situações que a autora define como catastróficas e inesperadas, encontram-se os desastres naturais (que levam ao desaparecimento de pessoas) e o desaparecimento ou inexistência de corpos (como em acidentes aéreos ou assassinatos). (FRANCO, 2021, p. 216)

Mesmo que Paula Tavares não mencione contextos ditatoriais, faz-se relevante realizar essa associação, porque o sumiço de milhares de argentinos implica uma situação desesperadora, especialmente pelo fato de a tortura ou a morte terem sido cruéis fins aos opositores do regime.

Junto com as Mães da Praça de Maio, em 1977, foi formado o movimento Avós da Praça de Maio, grupo de mulheres que tiveram suas filhas e noras sequestradas ainda grávidas e seus netos, nascidos em centros clandestinos de detenção, entregues a famílias de repressores (SADER; JINKING, 2006). (CRIVELENTE, Mariana Ramos. 2017, on-line)

Se é verdade que “tornar público um luto coloca-o no formato de luto reconhecido pela sociedade” (FRANCO, 2021, p. 219), a crônica “Mães da Nigéria” tem a função de fazer com que a luta das mães que perderam um filho ou que, por alguma razão, desapareceram, seja ouvida e perpetuada pelo público-leitor, combatendo o luto não reconhecido de avós e mães, tal como conceituado por Franco (2021).

Venham, oh mães trazer-nos o tempo em que a palavra era vida e ainda espaço para viver devagar uma ordem de luz e salalé como nos lembrou o pai e nos esforçamos por saber, escutando todas as formas da fala. Venham, com mãos de seda cuidar do cercado e de nós os que não queremos morrer nem matar enquanto somos anjos acesos de vida. (TAVARES, 2019, p. 44)

Explorando a função da linguagem apelativa, a última parte da crônica lembra uma oração. O tom bíblico é marcado pela invocação das mães tal como uma intervenção cristã, na

⁷ Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/maes-da-praca-de-maio-completam-40-anos-de-luta-pela-memoria-e-pela-vida.ghtml>. Acesso: 20 de outubro de 2022.

qual a entidade é convocada como a autoridade capaz de reverter uma circunstância, abençoar e guardar os fiéis. Junto à expressão “mãos de seda”, a carga metonímica para aludir à Nossa Senhora” inunda de lirismo a referência religiosa, que inclusive já esteve presente em outros textos literários. O autor português Eugênio do Castro (1869-1944), em seu poema “MÃOS”, também fez uso desse recurso estilístico ao explorar metonimicamente a simbologia das mãos à Santa:

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso
[gesto canta!
Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.
(CASTRO, 1968)

As referências cristãs misturam-se a outras formas de espiritualidade e constroem, pela memória, a ponte com a ancestralidade, haja vista que “nos esforçamos por saber, escutando todas as formas de fala” (TAVARES, 2019, p. 44). Em entrevista⁸ para o portal on-line Buala, Paula Tavares, explica que suas obras estabelecem uma conexão com os espíritos dos antepassados ou com a presença do sagrado na natureza.

O afastamento de deus e da ideia de deus foi mais difícil e foi posterior, mas o facto de eu me considerar uma increia – alguém que não acredita – não deixa de desenvolver em mim sensibilidades para várias formas de religiosidade que eu conheço e que me foram dadas a ver. Uma delas é essa proximidade com rituais que celebram a força da natureza, que têm um culto especial pelos antepassados, que se baseiam na crença de que os mortos continuam a cumprir os seus papéis de vigilância sobre os vivos. Daí que eu muitas vezes convoque esses rituais para a minha escrita. (TAVARES, 2020)

Cabe mencionar que novamente observamos um protagonismo atribuído às mulheres, uma vez que a figura do pai é exposta de forma breve. Subvertendo o silêncio, a autora traz luz à dor de filhos e mães e suscita um comando às matriarcas a fim de que essas lutem e protejam seus descendentes do finamento.

Pensando na realidade brasileira, o desaparecimento e a morte de jovens apontam corpos pobres e/ou negros como alvos do Estado. Pensando primeiramente na pobreza, para a filósofa Adela Cortina, uma das razões para a exclusão ou extermínio dos povos marginalizados está ligado à aporofobia, neologismo criado por ela:

⁸ Entrevista disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/so-consigo-escrever-quando-me-relaciono-com-uma-alma-angolana-entrevista-a-ana-paula-tav>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

Convencida de que não se rejeita tanto os estrangeiros quanto os pobres, busquei em meu dicionário grego dos tempos do bacharelado um termo para designar o pobre, o sem recursos, e encontrei o vocábulo *áporos*. Contando com ele, me permiti construir o termo “aporofobia”, por analogia com “xenofobia” e com “homofobia”. (CORTINA, 2020, p. 37)

Para Cortina (2020), entende-se a aporofobia como “o desprezo pelo pobre, o rechaço a quem não pode entregar nada em troca, ou, ao menos, parece não poder” (CORTINA, 2020, p. 25). De acordo com estudo, feito em 2021, do “Mapa da Nova Pobreza”⁹, desenvolvida pela FGV Social, 29,6% da população brasileira – o que corresponde a 62,9 milhões de brasileiros – vivem em situação de pobreza. Tamanha desigualdade social no país evidencia que parte da população, além de sofrer com a ausência de dinheiro para a subsistência, carece de políticas públicas que assegurem os direitos constitucionais: o acesso à saúde, à educação, à moradia e à cultura. Nesse sentido, essa camada mais vulnerável socialmente é fruto da exclusão, sendo ainda alvo de violências - verbais, psicológicas ou físicas -, haja vista que grupos mais privilegiados desejam expelir os atingidos economicamente dos espaços públicos e tentam ferir a existência daqueles que resistem:

É verdade que não é fácil organizar a convivência em sociedades moralmente plurais, porque articular a diversidade sempre exige um fino trabalho de ourives. Porém, no caso do ódio, não se trata só de diversidade, mas de convicção de que existe uma hierarquia estrutural em que o agressor ocupa o lugar superior, enquanto o agredido, o inferior. (CORTINA, 2020, p. 58)

Esse ódio ao pobre acentua-se fortemente quando há a questão racial envolvida: a população negra enfrenta o racismo e é duramente reprimida pela violência policial. Conforme apontado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil¹⁰, e esta tentativa de extermínio é legitimada pelo próprio Estado. Por trás desse dado alarmante, compreender o conceito de “necropolítica”, cunhado pelo camaronês Achille Mbembe (2018), faz-se necessário. Entende-se a necropolítica como o uso do poder social e político, especialmente por parte do Estado, de maneira a estabelecer quem pode viver e quem deve morrer. O filósofo Silvio Almeida (2018) explica que a origem desse mal não é nova:

As relações entre política e terror não são recentes, mas é na colônia e sob o regime do *apartheid* que, segundo Mbembe, instaura-se uma formação peculiar de terror que dá origem ao que o sociólogo chama de necropolítica. Para ele, “a característica mais

⁹ Segundo o estudo, a quantidade de indivíduos com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais chegou a 62,9 milhões de brasileiros em 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>. Acesso: 30 de outubro de 2022.

¹⁰ Dados do Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-a-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>. Acesso: 3 de novembro de 2022.

original dessa formação de terror é a concatenação do biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio”, em que a raça, mais uma vez, é crucial. [...] Foi com o colonialismo que o mundo aprendeu a utilidade de práticas como “a seleção de raças, a proibição de casamentos mistos, a esterilização forçada e até mesmo o extermínio dos povos vencidos foram inicialmente testados” (ALMEIDA, p.73, 2018)

As raízes do colonialismo até hoje se mantêm, especialmente pela exclusão da população preta, devido à ausência de políticas públicas no período de pós-abolição da escravidão, e ao pensamento do colonizador ao coisificar corpos pretos e achar que são de sua posse, até mesmo para matá-los. Esse pensamento “autoriza” uma visão combativa àquilo que o Estado rejeita – vidas negras e pobres -, e naturaliza o abandono e violência a esse corpo social, por meio do “estado de exceção”. Ao avaliar as contribuições de Mbembe (2018), o escritor Almeida (2018) elucida que:

Para Mbembe, “o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar”. O poder de matar opera com apelo à “exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo”, que precisam ser constantemente criadas e recriadas pelas práticas políticas. (ALMEIDA, p.73, 2018)

Isso pode ser comprovado quando ocorre o extermínio à população negra e diversas mães choram pelo sangue derramado de seus filhos. No Brasil, o movimento “Mães de Maio” ecoou em 2006 para denunciar a brutalidade do Estado e da violência policial após as mortes de mais de 450 jovens nas regiões mais marginalizadas de São Paulo:

Entre os dias 12 e 20 de maio de 2006, no estado de São Paulo, policiais e grupos paramilitares de extermínio promoveram um dos mais vergonhosos escândalos da história brasileira. Em uma cínica e mentirosa “onda de resposta” ao que se chamou na grande imprensa de “ataques do PCC”, foram assassinadas no mínimo 493 pessoas - que hoje constam entre mortas e desaparecidas. Há estudos, no entanto, que apontam para um número ainda maior de assassinatos no período, considerando ocultações de cadáveres, falsificações de laudos e outros recursos utilizados por tais agentes públicos violentos. [...] Um acontecimento terrível, em suma, que vitimou sobretudo jovens pobres – negros e afro-indígena-descendentes – executados sumariamente por policiais e grupos de extermínio ligados ao Estado. (MÃES DE MAIO, 2012, p. 19)

A criação de um suposto inimigo, promovida pelo Estado, retirou a vida de jovens periféricos e, “é importante se ressaltar, não há sequer um caso de policiais que tenham sido devidamente investigados, julgados e punidos conforme a própria lei orienta” (MÃES DE MAIO, 2012, p. 19). Essas vidas perdidas não tinham envolvimento com o crime, nunca houve qualquer comprovação, mas não houve tempo hábil para evitar tamanha brutalidade. Assim, as reflexões de Almeida (2018) comprovam a existência de um poder necropolítico quando:

A iminência da guerra, a emergência de um conflito e o estresse absoluto dão a tônica para o mundo contemporâneo, em que a vida é subjugada ao poder da morte. Dizer que a guerra está próxima e que o inimigo pode atacar a qualquer momento é a senha para que sejam tomadas as medidas “preventivas”, para que se cerque o território, para que sejam tomadas medidas excepcionais, tais como toques de recolher, “mandados de busca coletivos”, prisões para averiguação, invasão noturna de domicílios, destruição de imóveis, autos de resistência etc. (ALMEIDA, p.74, 2018)

Por outro lado, é preciso pensar: quem sofre com o peso dessas mortes? São as mães, devido à perda brutal de seus filhos e que precisam, ainda, lutar contra o sistema para evitar que ocorra a banalização do crime de ódio. O movimento “Mães de Maio” é uma organização formada por mães, familiares e amigos(as) de vítimas da violência do Estado Brasileiro a partir dos chamados Crimes de Maio de 2006. Cinco anos depois, a organização publicou um livro intitulado *Mães de Maio: do luto à luta* (2011), com o intuito de honrar a memória dos entes queridos, contar a história de oito mães e como o movimento as ajudou a se mobilizarem para lutar por justiça por todas as vítimas de violência, ecoando a voz de outras mulheres que vivenciaram a mesma dor.

A necessidade de reconhecimento da existência daqueles que já se foram, principalmente por perdas trágicas, trouxe uma nova vivência do luto. Diferentemente do luto não reconhecido - explicado anteriormente por Franco (2021)-, que pôde ser identificado na crônica tauriana “Mães da Nigéria” e no contexto ditatorial argentino do século XX, a autora explica que há “mecanismos socioculturais que colaboram para a manutenção da memória dos mortos no âmbito do coletivo e do público” (FRANCO, 2021, p. 132). Esse processo, para Franco (2021), é chamado de luto coletivo:

Há celebrações públicas para marcar a morte daqueles que tiveram papel preponderante ou significativo em dado momento ou período de uma nação, como o Dia de Lembrança ao Holocausto e as homenagens aos mortos em guerras ou batalhas. São cerimônias públicas às quais comparecem pessoas com diferentes graus de relação com os mortos lembrados. Muitas delas nem os conheceram, mas comparecem em razão dos laços que têm com a coletividade ou daquilo que a cerimônia simboliza. (FRANCO, 2021, p. 133)

Desde 2006, as Mães de Maio realizam passeatas, debates e atos públicos com o intuito de transformar seu luto em luta, mas também de preservar a imagem de seus filhos e homenageá-los em público, para que nunca sejam esquecidos. Na verdade, a noção de coletividade não está atrelada à união física, mas à sensação de pertencimento a um grupo ou adesão a uma ideia:

O luto coletivo não precisa ser público para ser vivenciado, pois o senso de pertencimento a uma coletividade, a um grupo, a um ideal comum a outras pessoas é

o que o define como tal. Além desse cuidado na distinção, destaco que o luto coletivo não supre as necessidades de experiência de um luto individual, pois não se trata de uma questão quantitativa, mas sim de pertencimento. (FRANCO, 2021, p. 59)

Logo, mesmo que o luto coletivo não substitua o individual – haja vista a singularidade de cada perda afetiva -, a morte possui um impacto abrangente quando atinge toda uma comunidade, afinal, num estado de exceção que destitui determinados grupos sociais de valores democráticos, como o direito à segurança pública, “não há cidadania possível, não há diálogo, não há paz a ser negociada. Já não se estabelece a diferença entre inimigo e criminoso, vez que a ambos só resta a total eliminação” (ALMEIDA, p.74, 2018).

Diante dessas reflexões, confirma-se um elemento comum entre as mães nigerianas, argentinas e brasileiras: a posição de combate ao silêncio e a intenção de propagar a sua voz para honrar a memória de seus amados filhos e lutar por justiça. Mesmo com o rompimento do contato físico, essas mães permanecem acolhendo os seus filhos, a “condição” de mãe, tal como o sentido do rio para Guimarães Rosa, faz-se eterna. É justamente para “cuidar do cercado e de nós” (TAVARES, 2019, p. 44) que Ana Paula Tavares oferece a sua prosa poética como uma ferramenta de denúncia social ao mesmo tempo que, por meio das palavras, abre espaço para a sementeira de sentidos e a polifonia de vozes femininas.

Não há como dizer que suas crônicas somente espelham o cotidiano. Afirmar isso, diante de tantas referências contextuais, significa ignorar que a autora é também historiadora e que trabalha com a reinvenção da memória, mas sobretudo com a desconstrução de narrativas pautadas em uma única perspectiva. Suas narrativas “apresentam não só uma opulência de temas, como também uma linguagem multifacetada. Mantêm um caráter crítico-reflexivo, sem deixar de lado o discurso inundado de lirismo, proveniente da práxis poética da autora” (GOMES, 2007, p. 59).

“Mães da Nigéria” tem sua força potencializada se lido em voz alta, seu cântico mostra o compromisso da autora com a oralidade característica das tradições africanas, conforme análise de Rita Chaves:

Ao investir nessa evocação, a escritora não consegue recuperar, evidentemente, a inteireza de um passado irremediavelmente perdido (como, aliás, qualquer passado), mas consegue manter viva uma referência fundamental de seu patrimônio cultural. (CHAVES, 2000, p. 9)

Tavares favorece o pertencimento do coletivo, por intermédio das letras, e combate a invisibilidade de lutos não reconhecidos, refletindo sobre a função social atribuída às mulheres, que são “a viga do mundo”. Sua narrativa lírica “urde, crítica e poeticamente, sua trama com

consciência e mel; estilhaça medos, “fala” pelo outro que toca a vida, muitas vezes, sem ter a real percepção dela” (SECCO, 2019, p. 9), abrindo espaço para vozes que precisam ser escutadas com atenção e reforçando o seu compromisso com as lutas femininas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar a história e a condição da mulher na sociedade são formas de desnaturalizar uma narrativa fomentada por uma única perspectiva. Como bem observou Chimamanda Adichie, “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas” (ADICHIE, 2009, p.27). Na contramão de discursos que enrijeçam pensamentos de opressão, a literatura da autora angolana Ana Paula Tavares apresenta-nos e potencializa diversas vozes femininas, repletas de memórias e vivências, que recriam o passado ao mesmo tempo que rompem com o silenciamento social atribuído às mulheres.

Dessa maneira, as crônicas “As Formigas”, “Dentes de Lobo” e “Mães da Nigéria”, presentes no livro *Um rio preso nas mãos* (2019), foram os principais objetos de análise, trazendo luz à densidade de narrativas cheias de lirismo que expõem a força e as dores vividas pela condição de “ser mulher”. Ao observar a estrutura textual das obras tavianas, nota-se que as crônicas não têm a intenção de restringir o seu diálogo ao cotidiano, pelo contrário, Paula Tavares navega nas águas do rio e estabelece uma interseção entre passado e presente.

Em “Formigas”, somos apresentados a uma narrativa em discurso indireto que recria um provérbio dos povos nyanecas e enaltece aspectos culturais do território angolano, junto à oralidade característica das letras africanas. No que diz respeito ao recorte de gênero, foco desta pesquisa, as mulheres são comparadas a formigas devido ao seu incessante trabalho, o que evidencia um processo de desumanização do elemento feminino. Percebemos, porém, que a composição organizacional das formigas no texto é, na verdade, uma metáfora ao matriarcado, presente desde a Antiguidade Clássica no continente africano, e a palavra tavianiana subverte a ordem patriarcal quando questiona o papel que essas mulheres ocupam no âmbito social.

Com foco nas condições de maternidade, em “Dentes de Lobo”, temos uma narrativa em 1ª pessoa que passeia pela memória da juventude e mostra-nos uma composição familiar em que novamente o matriarcado ganha protagonismo e os estudos de Cheikh Anta Diop fazem-se relevantes. A crônica relembra uma época em que a fome era ‘grávida’, como aponta o texto, e mostra-nos como a matriarca – representada pela avó -, driblava, com a ajuda das filhas (mãe e tias da narradora), as adversidades das mazelas ao mesmo tempo que transmitia sabedoria aos mais novos e os acolhia com afeto. Por meio de uma prosa poética, Tavares combina alegorias e recursos estilísticos que acentuam a crítica social e retrata com um olhar sensível, sem romantizar, a resiliência e a força das mulheres.

Em “Mães da Nigéria”, somos arrebatados pelo dor de mães que precisam lidar com o desaparecimento ou o luto de entes queridos em um texto que simboliza um cântico ao invocar,

a partir do chamado de filhas e filhos, o cuidado materno. As feridas e a luta dessas mulheres são retiradas da invisibilidade e entrecortam o silêncio enquanto a coletividade de vozes ecoa em busca de reconhecimento e de justiça. Paralelo a isso, deparamo-nos com a ‘universalidade’ desses sofrimentos maternais que dialogam com realidades outras, como a vivência do luto em circunstâncias trágicas nos contextos argentino e brasileiro, além do recorte racial. A subjetividade tavariana leva-nos para as profundezas das águas do rio e explora metáforas, metonímias, sinestésias e outras figuras de linguagem que acentuam a intencionalidade textual.

Os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, visto que a intenção comunicativa das crônicas subverte a invisibilidade atribuída às mulheres e empodera as vozes femininas em tom de denúncia e força. Assim, a literatura tavariana não se restringe à função catártica da arte, mas também incita a criticidade ao relacionar-se com circunstâncias que proponham a consciência sobre a condição feminina no âmbito social.

Foi possível observar que Paula Tavares revisita a ancestralidade e estabelece conexões com o presente, desfruta da polifonia para repensar dores e memórias e advoga que são as mulheres “as conhecedoras da diversidade de seus papéis na família, no trabalho, [...] e na sociedade” (SECCO, 2019, p. 9), expondo vivências que, mesmo atreladas ao território africano, apresentam-se como universais.

As limitações desses estudos ligam-se à carência de trabalhos que auxiliassem na investigação de aspectos temáticos, estilísticos e culturais presentes nas crônicas de *Um rio preso nas mãos* (2019), uma das obras mais recentes da autora. Por outro lado, essa restrição de referências motivou a tecitura da presente monografia e essa pesquisa espera contribuir para a ampliação dos estudos da sementeira das palavras de Paula Tavares, a facilitação da compreensão de referências intertextuais e conotativas e o despertar da consciência e respeito às diversas funções ocupadas pelas mulheres.

Tendo em mente que nenhum conhecimento é finito, revisões e investigações contínuas sobre as crônicas líricas da autora são sugeridas, haja vista os “elos” que surgem quando subjetividade, História e Literatura se unem. “Nas entrelinhas, fica uma probabilidade de que ainda seja tempo de escrever sonhos e cultivar desejos (SECCO, 2019, p.9), portanto, que possamos navegar com sabedoria e desejo de transformação nas águas do rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGÊNCIA EFE. Mães da Praça de Maio completam 40 anos de luta pela memória e pela vida. **G1 Globo**, 30 abr. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/maes-da-praca-de-maio-completam-40-anos-de-luta-pela-memoria-e-pela-vida.ghtml>. Acesso: 20 out. 2022.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMORIM, Bernardo Nascimento de. **Escrever, conhecer: a procura da sociedade africana na poesia de Paula Tavares**. Revista Mulemba, v. 11, n. 21, p. 35-48.
- ASSIS, Machado de. “O nascimento da crônica”. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Seleção). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARBOSA, Mariana de Oliveira Lopes. Rômulo e Remo. **História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/romana/romulo-e-remo.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.
- BARBOSA, Rui. **Oração aos moços**: Discursos aos bacharelandos da Faculdade de Direito de S. Paulo em 1920. São Paulo, SP: Martinelli, Passos e Companhia, 1921.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BBC News Brasil. Boko Haram: o sequestro de meninas que comoveu o mundo. **BBC News Brasil**, Brasil, 17 dez. 2021. Internacional. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55973853>. Acesso em: 5 jul. 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 5-58, 2002.
- BORGES, Leonardo. A invenção que facilita o transporte de água na África. **Autossustentável**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://autossustentavel.com/2020/03/transporte-agua-africa-hippo-roller.html>. Acesso em: 04 mar. 2022.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989.

CARNEIRO, João Emanuel. Desabafo. **Veja**, 11 set. 2002 (fragmento). Disponível em: <http://educacao.globo.com/provas/enem-2012/questoes/127.html>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CASTRO, Eugénio de. Mãos. In: **Obras poéticas de Eugénio de Castro**. Coimbra: Parceria A. M. Pereira, 1968.

CHAVES, Rita. **A palavra enraizada de Ana Paula Tavares**. Via Atlântica, 1(4), 157-167. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49610>. Acesso em: 01 dez. 2022.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. Tradução Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CRIVELENTE, Mariana Ramos. **Memória e Resistência na América Latina**. Paineira USP. [S.I.] 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra**. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 1982.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/31262/17734>. Acesso em: 20 out. 2022.

DOKA, K. J. “Disenfranchised grief”. In: Doka, K. J. (org.). **Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow**. Lexington: Lexington Books, 1989, p. 3-11.

EMICIDA; Batucaderas do Terreno dos Orgãos. Chapa. In: EMICIDA, **Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa**. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjFQA9MswkM>. Acesso em: 13 out. 2022.

EQUIPE AzMina. Caneta desromantizadora de mensagens de Dia das Mães. **AzMina**, 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/caneta-desromantizadora-de-mensagens-de-dia-das-maes/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição. “**A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**”. Entrevista concedida ao portal on-line Itaú Social em 09 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-servetambem-para-as-peopleas-pensarem/>. Acesso em: 03 mar. 2022.

_____. **Conceição Evaristo explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afro-brasileiros**. Entrevista concedida ao Roda Viva em 06 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>. Acesso em: 04 abr. 2022.

FGV Social. Mapa da nova pobreza: Estudo revela que 29,6% dos brasileiros têm renda familiar inferior a R\$ 497 mensais. **FGV Social**, 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>. Acesso em: 19 set. 2022.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Summus, 2021.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Editora Cosac Naify, 2014.

GOMES, Fernanda Antunes. **A arte de cronicar em Ana Paula Tavares**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (na especialidade de Literaturas Portuguesa e Africanas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-897/a-arte-de-cronicar-em-ana-paula-tavares>. Acesso em: 30 mar.2022.

GORDON, Deborah. *Ants at Work. How na Insect Society is Organized*. Nova York: Free Press, 1999. [Ed. Bras.: *Formigas em ação (Como se organiza uma sociedade de insetos)*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.]

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. 7ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MÃES DE MAIO. **Mães de Maio: Do luto à luta**. Brasil. São Paulo: Nós por nós, 2011. Disponível em: http://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/06/livro_maes_de_maio.pdf. Acesso em: 06 set. 2022.

MAPA da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). 'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência. **G1 Globo**, 07 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MELO NETO, J. C. O Rio. In: **Poesias completas: 1940-1965**, Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.

MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA. **Exposição Permanente “A Brincar e Já a Sério; Bonecas do Sudoeste de Angola”**. Portugal. [2013?] Disponível em: https://mnetnologia.wordpress.com/exposicao_permanente/3-exposicao-permanente-a-brincar-e-ja-a-serio-bonecas-do-sudoeste-de-angola/. Acesso em: 27 jan. 2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **As civilizações africanas no mundo antigo**. In: *A Matriz Africana no Mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PADILHA, Laura Cavalcante. “Paula Tavares e a semeadura das palavras”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África & Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

PODCAST FICÇÃO BRASILEIRA I: Podcast 3. Locução de: MARCUS ROGERIO SALGADO. Spotify, 27 nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2OIb7yPOUQIE2mXwcjdC2W?si=5c4c726bf11142f1&nd=1>. Acesso em: 7 dez. 2021.

PRADO, Maria Lígia; PELEGRINO, Gabriella. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2019.

RIBEIRO, Amarolina. "Partes de um rio". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>. Acesso em: 08 dez. 2022.

ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In: **Ficção completa**: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

_____. **Entrevista com Guimarães Rosa**, conduzida por Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em janeiro de 1965 e publicada em seu livro: *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: E.P.U., 1973. Disponível em: [www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Guimarães Rosa - 1965.htm](http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Guimarães_Rosa_-_1965.htm), p. 10. Acesso em: 10 dez. 2022.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Lobo"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/animais/lobo.htm>. Acesso em: 08 dez. de 2022.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

_____. Avisos à navegação. In: TAVARES, Ana Paula. **Um rio preso nas mãos**: crônicas. São Paulo: Kapulana (Série vozes da África), 2019.

_____. Indeléveis rumações da memória. In: **A magia das letras africanas**: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais, 2003. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/Artigo_CARmen_Tind_-_Indelveis_Ruminaes.pdf. Acesso em: 01 abr. 2022.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO & SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). **África e Brasil**: letras em laços. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

SILVA, Lanuk Nagibson Araújo. **A poética do anônimo na poesia de Ana Paula Tavares**. 2019. Dissertação de Mestrado. Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/28400>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TAVARES, Ana Paula. "Só consigo escrever quando me relaciono com uma alma angolana". Entrevista com Ana Paula Tavares para o portal on-line Buala, 2020. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/so-consigo-escrever-quando-me-relaciono-com-uma-alma-angolana-entrevista-a-ana-paula-tav>. Acesso em: 10 dez. 2022.

_____. **Como veias finas na terra:** poesia. Alfragide: Caminho, 2010.

_____. **Debate e lançamento de “Um rio preso nas mãos” de Ana Paula Tavares na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo** [Live]. Disponível em: <https://www.facebook.com/ekapulana/videos/ana-paula-tavares-na-biblioteca-m%C3%A1rio-de-andrade/398609767702137/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

_____. **Ex-votos.** Lisboa: Caminho, 2003.

_____. **Manual para amantes desesperados.** Luanda: Editorial Nzila, 2007.

_____. **O lago da lua.** Lisboa: Caminho, 1999.

_____. **O sangue da buganvília.** Praia; Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.

_____. **Ritos de passagem.** Luanda: Lito-Tipo, 1985 (Cadernos lavra & Oficina, n. 55).

_____. **Um rio preso nas mãos:** crônicas. São Paulo: Kapulana (Série vozes da África), 2019.

_____. **Amargo como os frutos:** poesia reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

_____. **Dizes-me coisas amargas como os frutos.** Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

VATICAN NEWS. **Orações: Salve Rainha.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/oracoes/salve-rainha.html>. Acesso em: 09 dez. 2022.